O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semes, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 21 DE SETEMBRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:829

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin 61.

SUMMARIO:—A VIA FREA—APPREHENSÕES PUBLICAS.—A BAMBOCHATA.—JOSÉ ESTEVAM—NOTICIARIO.—CULTURA DE TABCO.—NOVO REMEDIO CONTRA A RAA.—CARTA DE LISBOA.—CARTA D FOZCOA.—SECÇÃO LITTERARIA.—ARTE OFFICIAL.—FOLHETIM: O ARQUEZ DE LETORIÉRE.—CORREIO LISBOA.

AVEIRO

A VIA FERREA.—APREHENSES PUBLICAS

O caminho de ferro norte está servindo de pabulo ás pestras da imprensa. O publico preocpa-se com o seu estado. Os fracassos retem-se com frequencia. Hontem era os descarrilamentos successivos. Hje o choque de carruagens nas machias que faziam o serviço na ponte de Cgominho causou tal sensação no pai, que as aprehensões começam a trasformar-se em receio e o receio em suto, obrigando fatalmente os poderes iblicos a mandar syndicar de casostão repetidos, para que possa impôrse a responsabilidade a quem de dieito fôr.

Porque a vida de entenas de pessoas que diariament percorrem em wagon a linha, deve merecer todo o cuidado para que não continue o actual estado de cousas. O material fixo achase em muitos pontos deteriorado, e o material circulante arece de ser substituido e accrescentdo, porque o que existe não é só deficiente, por não chegar para as exigencas da viação, mas está por tal forma gasto e sujo, que se torna indispensavel que a companhia olhe com melhores dhos para tudo isto, a fim de que se eviem no futuro acontecimentos ainda mis graves.

Ha tambem falta de pessoal, e parte do que existe precisa de aptidão, alem de mitas vezes se mostrar indelicada, grossira até com os passageiros. Diz-se qu a falta de idoneidade nos empregados provem dos cargos serem mal retribidos, não compensando a remunerção o trabalho e a responsabilidade le cada um. Assim será, mas não de perder-se de vista, que na maior rte das estações ha falha de carregaores principalmente, e que o expediee quanto a bagagens e á expedição dmercadorias, é moroso, talvez pela iufficiencia dos encarregados da escpturação. Tudo isto dá em resultad grandes demoras, e muitas vezes eessos de má educação como respostas reclamações do publico, que deja ser servido a tempo e que assim érejudicado.

A compaia aufere interesses fabulosos da lia do norte, mas soffre grandes pretos com a de leste, ramal de Cace e arteria de Torres Vedras. Mas cosso nada tem o publico. Nada atenuor tanto o nenhum cuidado que seserva, e o estado de machinas e cagens deve suscitar providencias egicas, para que não continue o dezêlo e a porcaria, que todos notar censuram.

E' indinsavel que a companhia trate de antar a segunda via. Não se póde conuar a tolerar a infracção do contra pois que o rendimento attingiu erapassou o estipulado entre a comhia e o governo. Convém pois exigiuanto antes o cumprimento d'aque clausula, para que o publico fiquendo garantias de melhor serviço.

Os fies nomeados pelo governo teem envdo ao competente ministerio relatos sobre relatorios ácerca do mau ado da linha e do pessimo estado dnaterial circulante. Machinas velh e estafadas pelo trabalho aturado o as que percorrem o caminho de iboa ao Porto. E ha sitios em que *rails* estão tão mal assentes, ques oscilações e balanços dos trens danciam os erros de construcção, agvados pelo uzo, prevendo-se catastrdes onde até agora apenas se teem dio occorrencias de somenos ponderão.

Masudo isto sommado é já de bastante vito e exige providencias energicas d parte dos poderes publicos. Por a ompanhia ser poderosa, não se segue ue não esteja obrigada ao cumprimero dos seus deveres. E nós só querems que ella satisfaça todas as condiçes do seu contracto, valendo mais o ublico que os interesses, que não hestam em sacrificar centenares de existecias, uma vez que d'ahi advenham a empreza lucros exagerados.

Assente-se pois a segunda via, e substitua-se o material circulante, que de ha muito devia ser retirado do serviço. E' chegada a occasião de se fazer uma crusada energica contra os abusos que geralmente se notam na linha do norte. E deve começar-se por uma syndicancia rigorosa desde Lisboa ao Porto, para que se remedeiem os achaques a que se devem os acontecimentos repetidos, a que a imprensa se tem referido n'estes ultimos annos.

Isto recommendamos nós e com viva instancia em nome das conveniencias publicas.

A BAMBOCHATA

Um punhado de patriotas, cujo numero chegava a sete, tantos como os dos pecados mortaes, entendeu dever festejar o anniversario da sahida do hospital d'Aveiro das irmãs hospitaleiras, com musica e foguetes, dando parte á auctoridade superior do districto d'esta sua deliberação. Como porém se achava em exercicio o sr. governador civil substituto, entendeu este que devia declinar no effectivo, ausente em Vianna, a resolução do caso. Este ultimo foi do parecer, que se devia prohibir a manifestação talvez por a supôr uma provocação á desordem, por isso que a festa não passava de um acinte, em que os pataratas pretendiam revelar mais uma vez a excellencia dos seus instinctos.

Ora para taes demonstrações achase preceituado que os interessados peçam licença á auctoridade, e elles apenas lhe deram parte, o que sem duvida influiu no animo d'aquelle magistrado para se oppôr á festa. Além do mais o facto era uma infracção de lei, e só por isso não podia ser tomado em consideração. Mas como os taes patriotas vissem frustrado o plano, lembraram-se de pôr bandeiras, sem prévia licença, no largo municipal, illuminando á noite a estatua de José Estevam com balões venezianos, e armando no pateo da misericordia os seus arraiaes, onde tocou uma phylarmonica e d'onde foram lançados ao ar alguns foguetes.

Tudo isto foi uma infracção dos preceitos legaes, alem de ser o logar improprio para taes folguedos. Aquelle edificio não pode conceder-se para bacchanaes. Alem d'isso, a sua proximidade do hospital devia inhibir a meza de consentir, que alli se fizesse a algazarra da musica e foguetorio, por isso que n'aquella casa ha doentes, cujo estado não permitte sem risco o barulho resultante da tal demonstração, que além de inconveniente exprime a desobediencia mais flagrante de que ha memoria.

Dizia-se na citada participação, que a festa era para celebrar a victoria alcançada ha um anno sobre a reacção! Mas qual reacção? A que poz os ladrões fóra do hospital, congregando por isso a gente de má nota, todos os comedores, que d'antes sugavam aquelle estabelecimento de caridade, locupletando-se com o patrimonio dos pobresinhos?

Se os patriotas suplantaram, e d'isso se ufanam, os que desfizeram o ninho de guincho dos fornecimentos fraudulentos, das comedellas vergonhosas e da pilhagem reles, que fazia mão baixa sobre os reditos da santa casa, devem agora fazer festa rija, por se reempossarem do bolo, de que tinham lançado mão, como se fosse roupa de francezes. A meza de 1887-1888 enxotou os mezarios que eram ao mesmo tempo fornecedores e impingiam á casa o genero dos seus estabelecimentos pelo preço que queriam, sem arrematação nem cousa que auctorisasse a negociata. *Ora isto feriu interesses* que se tinham criado á sombra do desmazello e da depredação, e toda a choldra conspirava ha mais de dois annos em nome da liberdade.... de industria, para empolgar o penacho da santa casa.

Resultados: A meza de 1886-1887 dispendeu em dietas 1:700$000 reis. A de 1887-1888, a tal reaccionaria que chamou as irmãs hospitaleiras para tratar de enfermos pobres, gastou só 1:300$000 reis, mandando dar aos convalescentes o maximo da tabella, ou 360 gr. de carne em vez de 250, etc., e tendo a mais 280 dias de tratamento. A commissão de 1888-1889 gastou só n'esta verba 1:600$000 reis. Já se vê que a differença dos methodos é relativamente importante, e que não valia a pena fazer economias para que os patriotas berrassem com fóme.

Foi já abandonado o salutar principio da arrematação do fornecimento dos generos, o que dará em resultado avolumar a despeza. E como sem o auxilio do pessoal interno toda a fiscalisação será impossivel, a meza actual ha de ser victima dos especuladores, e as dietas levarão mais dinheiro, quaesquer que sejam os processos que se empreguem para obstar ás comedellas. Ha de acontecer-lhe como nos primeiros mezes á meza de 1887-1888. E para o que appellamos já para as contas do corrente anno economico. Ellas nos dirão as vantagens do triumfo sobre a reacção, que poz fóra os comedores, embora ululasse a quadrilha organisada por conveniencias illegitimas, proclamando-se defensora da liberdade, ella que foi tão intolerante, que só á força de calumnias torpes e ameaças poude desvairar os incautos e os maltrapilhos.

Os sete peccados mortaes, isto é os taes patriotas que a si mesmo chamam—partido liberal, além de não apresentarem a folha dos seus serviços porque são totalmente desconhecidos, recommendam-se por as pedradas que atiraram e pelas obscenidades que proferiram, quando se viram contrariados nos seus intuitos libertecidos. Uma parte d'elles tem o nome inscripto nos registos da policia e figuram nos processos de policia correcional, que por meio de agravo interposto por elles pendem nos tribunaes superiores.

Faria rir o aprumo dos sacripantas, se por ventura razões d'ordem publica não exigissem prompto correctivo a tantos desmandos. E ahi está como os heroes das bachanaes impam de basofia, affrontando as ordens da auctoridade administrativa, infringindo a lei, e fazendo da propriedade, que é pertença exclusiva de um estabelecimento de caridade, theatro de suas façanhas.

E no fim elles é que são os homens livres... até á licença, emquanto aos outros chamam reacionarios!

JOSÉ ESTEVAM (1)

O que vae lêr-se era destinado ao sarau que na noite de 11 d'agosto se verificou em Aveiro, no theatro, quando ahi vieram fallar alguns notaveis oradores da tribuna e do fôro, fazendo a apotheose de José Estevam. O sr. Pousada não poude vir a Aveiro n'essa occasião, pedindo-nos todavia para lhe publicarmos o seu discurso, discurso que elle tencionava proferir n'aquella festa.

Damol-o hoje á estampa, porque só hontem nos chegou ás mãos o original. Eis a razão da demora, para a qual não concorremos.

—

As memorias dos varões illustres semelham-se ás reverberações coruscantes dos lagos, quando na sua superficie incidem os raios solares n'essa phosphorecencia de luz que nos deslumbra. D'ellas resaltam em extraordinaria consonancia as lições que mais aproveitam, e os exemplos que melhor edificam.

Uma lição a instruir nescios e um exemplo a guiar timidos; uma lição a fomentar vontades e um exemplo a accender estimulos; uma lição a aclarar espiritos e um exemplo a agilitar almas; uma lição a despertar commettimentos e um exemplo a activar energias; uma lição a apontar desventuras e um exemplo a enxugar lagrimas; uma lição a escudar honras e um exemplo a afidalgar brios; uma lição a varrer insidias e um exemplo a opulentar dignidades; uma lição a desfazer borrascas e um exemplo a adensar alvoradas. Uma lição que é uma maravilha de triumphos, e um exemplo que é um prodigio de beneficios.

E' por isso que se erguem as pyramides pregoeiras de grandes feitos; é por isso que se alevantam as estatuas reveladoras de grandes glorias; é por isso que se estadeiam os bustos significadores de grandes benemerencias; é por isso que se expõem as telas explanadoras de grandes virtudes.

A historia celebra-lhes os nomes; a justiça assella-lhes os direitos; a posteridade erige-lhes os monumentos, e culminante a tudo isto, engastadas, embutidas no granito, no marmore, no bronze, na tela—as lagrimas das gerações agradecidas, que são lumes similhantes a estrellas, e estrellas que parecem auroras.

A toparem no firmamento que lhes retrata a fórma, a fincarem-se na terra que lhes avalia o peso, a estamparem-se na retina que lhes mede a grandeza e a fixar-se no espirito que lhes aprecia a ideia—os monumentos ahi ficam inapagaveis como o olhar d'esse gigante—o sol, que tudo illumina, e inextinguiveis como o rugir d'esse colosso—o mar, que tudo espanta. O sol é um fóco de luz e o mar um cófre de perolas; a luz é deslumbradora como a immortalidade, a perola fascinadora como a justiça.

E são firmes e inabalaveis os monumentos, porque os alicerçou a gratidão, cimentando-os o sangue do coração amalgamado com pedaços d'alma.

*

A morte ou é o eclipse parcial ou eclipse total da vida. O phenomeno da natureza physica tem analogia com o phenomeno da natureza moral.

O homem póde ser deus e póde ser abutre.

Quando, entre o throno da realeza em que se senta o homem como Deus, e o tumulo a que deve baixar como santo, se alevanta esplandecentemente a virtude a prantear a despedida do seu cultor mais aprimorado—ha o eclipse parcial, porque então o sarcophago seu é illuminado pelas irradiações da consciencia tranquilla que só soube praticar o bem; quando entre o covil em que se espoja o homem como abutre e a campa a que deve descer como demonio, se ergue sinistramente o crime a chorar o aniquilamento do seu apostolo mais afervorado, ha o eclipse total, porque então a cova sua é ensombrada pelas escurentezas da alma remordida que só pensou em fazer o mal. Ambos tombam, mas quam differente é a queda! Um desce lentamente, que o sustém a saudade; o outro cae bruscamente, que o impelle o desprezo.

Parece a descida de um—o despregar sereno das gotas rociantes da longa e espessa cabelleira eburnea que topeta as ramarias em fresca manhã de primavera.

Parece a queda de outro o despenhar brusco das lascas graniticas, que contornisam o cabeço da serrania agreste, no reconcavo dos valles em noite de inverno desabrido.

Um não é cego, e vê glorioso os clarões da immortalidade; o outro não é surdo e ouve afflicto as maldições tremendas da humanidade. Um tem uma gleba alcatifada de flôres á maneira d'um altar; o outro uma louza coberta de urzes á maneira d'um penhasco. O tumulo de um é inundado pela granisada das imprecações do desamôr; o tumulo do outro é alagado pelo chuveiro das lagrimas da bemquerença.

A lagrima! A lagrima é o pregão do arrependimento, o sorrisso da alma que bem faz, o desafogo dos infelizes, o espolio da miseria, o stygma do precito, o espelho do soffrimento, o estimulo da piedade, a moeda da gratidão, o orvalho da caridade, o lucro do bemfeitor, o antidoto da ira, o escudo da innocencia, o perdão da offensa, o protesto da honra calumniada, a fulguração do triumpho, o entrave do crime, o rescaldo da saudade! A lagrima é uma noite de amarguras, e uma alvorada de bonanças.

Por isso feliz o que tem lagrimas para chorar; por isso feliz e glorioso o que tem lagrimas a rociar-lhe a campa em que jaz morto.

Morrer para um é o alcandorar-se no pinaculo da gloria; morrer para outro é o afundar-se na voragem da ruina.

Morrer para um é o despontar do dia que o alaga de luz; morrer para o outro é o avultar da noite que o inunda de sombra.

A luz é o reflexo da saudade; a sombra a projecção do esquecimento. A luz é branca como a lagrima; a sombra é escura como a maldição. A luz produz calor; a sombra gera frio. E o calor é o signal da vida; e o frio o rasto da morte.

Por isso o justo vive para a immortalidade; por isso o réprobo morre para a gloria.

Por isso as memorias dos varões illustres se assemelham ás reverberações coruscantes dos lagos, quando na sua superficie incidem os raios solares n'essa phosphorecencia de luz que nos deslumbra.

*

Representa este acto solemne (1) em toda a sua bella e tocante singeleza, um reconhecimento singularissimo, que captiva pela sinceridade; e um testemunho cordealissimo que maravilha pelo desinteresse.

E' o reconhecimento d'uma divida mui provada, e o testemunho d'uma gratidão bem merecida. Um acto de justiça.

A justiça é a seiva alimentadora da liberdade; é o broquel resistente da egualdade; é o raio divergente da fraternidade.

Eis o motivo d'esta homenagem prestada ao mais sincero dos cidadãos, ao mais lidimo dos patriotas—José Estevam Coelho de Magalhães.

Ahi o tendes como em vida com os ouvidos attentos ao estridente grito do passado, que em nome da guerra, provocava os horrores do homicidio acceito, e atiçava as explosões do incendio confirmado, e protegia as brigas do roubo constituido, e ateava os furores da atrocidade desculpada, e excitava as bravuras da violação admittida, e applaudia as furias da destruição legislada, e approvava o aniquilamento do homem carne, devorado pelo homem féra.

Vêde-o, como, sorrindo-se para o presente, parece dizer: acabem-se os preconceitos, menos os preconceitos das conquistas andazes; repudiem-se todos os jugos, menos o jugo do trabalho honesto; abulam-se todas as aristocracias, menos a aristocracia do merito proprio; abatam-se todas as grandezas, menos a grandeza do talento; extingam-se todos os orgulhos, menos o orgulho da dignidade; abatam-se todas as altivezas, menos a altiveza da incorruptibilidade do caracter; dissipem-se todos os fanatismos, menos o fanatismo pelo amor da familia, que é o viveiro das nossas mais luminosas esperanças—menos o fanatismo pela autonomia da patria, que é o thesouro das nossas mais sentidas recordações—menos o fanatismo pelo amor da humanidade, que é a colmeia onde enxameiam as nossas mais captivantes sympathias.

Foi esta a reacção, e continuará a sel-o, porque ha cidadellas negras como o egoismo, que é necessario arrazal-as em defeza do bem; porque ha veredas furtivas como a guerra, que é forçoso abril-as em busca da paz; porque ha reductos escuros como a ignorancia, que é preciso assaltal-os em nome do progresso humano.

Acabem-se os odios na humanidade, para que floresça gentil a fraternidade; destruam-se os preconceitos no direito, para que germine viçosa a egualdade; annullem-se os previlegios na justiça, para que desponte ridenta a liberdade. E' esta a orbita a seguir. Fujamos do passado, que é a treva; passemos pelo presente, que é a penumbra; e entremos no futuro, que é a luz. Este foi hontem o brado do illustre cidadão, que hoje honramos com as delicadezas das nossas homenagens, seja tambem este brado, ámanhã, a senha dos evangelisadores do esforço, dos missionarios do trabalho, dos sacerdotes do bem.

*

Tal se nos apresenta hoje enquadrada na aureola das virtudes, que mais pompeiam, a figura do mais predilecto dos filhos d'Aveiro—José Estevam—que tinha uma vontade de ferro a estuar dentro d'um peito de bronze; que possuia as bondades d'um coração generoso, que era um foco d'amor, a irmanarem-se com as larguezas d'uma alma bemfazeja, que era um magnete de sympathia.

Uma grandissima lição, a radicarse por um altissimo exemplo. A alteza da homenagem frisa pela altura do gigante.

Santa memoria!
Bemdita apotheose!

A. S. Pouzada.

(1) O auctor não póde recitar esta allocução na sessão solemne realisada em 12 de julho, por motivos superiores á sua vontade.

(1) Alludo-se á sessão solemne.

NOTICIARIO

Conselheiro Augusto de Castro.—Este distinctissimo magistrado e dignissimo procurador regio perante a Relação do Porto, chegou com sua ex.ma familia á sua quinta do Funtão, regressando de Espinho, onde tem estado. S. ex.ª tem sido alli visitado por todas as pessoas mais gradas do concelho d'Albergaria, as quaes costumam ir alli todas as vezes que lá está s. ex.ª, cumprimental-o e apresentar-lhe as suas homenagens pelos serviços prestados áquelle concelho por tão distincto como benemerito cavalheiro. Principalmente Angeja deve a s. ex.ª serviços que custoso lhe será pagar. O sr. conselheiro Augusto de Castro tenciona demorar-se até principios de outubro na sua agradavel e aprazivel vivenda.

Notas da carteira.—Regressou ante-hontem da capital o *nosso presado collega, sr. A. Vilhena.*

— Esteve hontem em Aveiro o sr. dr. Carvalhaes, juiz de direito na comarca de Extremoz.

— Veio convalescer em Ilhavo o sr. dr. Antonio José da Rocha, digno juiz do supremo tribunal de justiça. Acompanha-o sua ex.ma filha a sr.ª D. Piedade Rocha.

— Acha-se na sua casa d'Ilhavo o sr. dr. José da Rocha Fradinho, digno juiz da relação do Porto.

— Foi hontem de manhã em passeio até á estrada marginal de Angeja uma força de cavallaria 10.

— Partiu para a praia d'Espinho o sr. Gordilho de Miranda e para Villa Real o sr. dr. Pinto da Cunha.

— Entrou em exercicio de funcções n'este concelho, sob a presidencia do sr. major Quintino, a commissão de inspecção para o serviço militar, de que fazem parte os srs. drs. Vicente Ferreira dos Santos e Abilio d'Albuquerque, cirurgiões do exercito.

— Devem partir na proxima segunda-feira para a Costa Nova o sr. Egberto de Mesquita, illustrado silvicultor, e sua ex.ma esposa.

— Tem passado melhor dos seus padecimentos, com o que muito folgamos, o illustrado parocho de Esgueira e nosso amigo, sr. João Francisco das Neves.

— Está melhor do susto e incommodo porque passou, a ex.ma esposa do nosso amigo e digno official de fazenda, sr. Alberto de Souza. Muito estimamos.

— Já se acha, de volta, na Costa Nova, o sr. Fernando Nogueira Junior, escrivão de direito n'esta comarca, que ha dias foi victima d'um lamentavel desastre. Folgamos com esse regresso, que nos dá a certeza do seu restabelecimento.

— Regressaram hontem do Vouga, e não hoje como por equivoco dissémos, o nosso presado amigo e collega, sr. Francisco de Magalhães e sua ex.ma familia.

Capitania do porto.—Não está ainda nomeado nem sequer indicado o novo capitão do porto para Aveiro. Teremos de lembral-o alguma vez mais, para não vermos a capitania entregue a estranhos?

Desapparecimento.—Edmundo Rodrigues da Paula, filho de Manuel Rodrigues da Paula, um rapaz de 20 a 24 annos, bexigoso, trigueiro, de olhos pretos, altura regular e gago, desappareceu ha perto de seis dias á familia, que o tem procurado por toda a parte, e ignora ainda qual o seu paradeiro. Temendo alguma desgraça, que pode ter-se dado, pede o pae a quem o encontrar, vivo ou morto, lh'o communique por qualquer forma, responsabilisando-se pela despeza d'essa communicação.

Naufragio.—Dizia-se aqui ante-hontem, e a noticia correu mundo, que na Costa Nova houvera n'aquelle dia um naufragio, afundando-se um barco de pesca e magoando-se 7 homens. Estamos habilitados para desmentir o boato. Graças a Deus nada se passou alli do que se disse, nem o mar, que era bom, podia occasional-o, a não ser por uma casualidade imprevista. Houve um naufragio n'esse dia, mas fóra do nosso littoral, não sabemos bem aonde, mas sem desgraças pessoaes.

Trabalho no mar.—N'esta ordem de serviços, infelizmente para todos, não ha que accrescentar ao que dissemos no nosso n.° anterior, pois que tudo continua no mesmo pé. Não ha pescas proprias do tempo, não ha sardinha! As redes ou sejam lançadas longe, ou sejam lançadas perto, trazem, quando muito, petinga e peixão em pequenissima quantidade. E succede isto em toda a linha de trabalho, desde Espinho até Mira e Buarcos, onde este serviço se faz pelo systema d'arraste. Não ha exemplo proximo de um anno assim—mau para todos, tão mau que já em algumas costas companhas ha que deixaram de trabalhar por falta de meios.

Colheita de sal.—Parece fóra de duvida que terminou por este anno a colheita de sal. O que a safra deu está sendo coberto pelos marnotos, cuja maior parte não nutre a esperança de produzir mais. O preço actual é já de 26$000 reis, mas se a offerta é limitada, a procura tambem não é grande. Houve pouco em Setubal, houve pouco na Figueira, dizem os que o possuem e por isso o preço ha de subir, e a nossa opinião é de que subirá decerto.

Trovoada.—Pelas 2 horas da tarde de hontem, apesar do bom tempo que fazia, d'um sol brilhante e d'um azul purissimo, para os lades da serra trovejou bastante, fazendo-se ouvir tambem aqui, ainda que quasi impreceptivelmente.

Trabalhos agricolas—As chuvas dos dias passados habilitaram os lavradores para semear as suas érvas e os seus nabaes, e por isso tem sido agora grande a faina agricola. Assim é de crer que tenhamos pastagens temporãs, e que por tanto o gado para engorda tenha procura.

Praias.—*Costa Nova, 20.*—Prometti carta d'aqui para ser inserida em todos os numeros de sabbado. Com muito gosto passo a satisfazer este compromisso. O meu espirito fará traçar estas linhas despretenciosas, escriptas a correr, porque não ha paciencia para grandes demoras e todavia tenho diante de mim dois linguados que é preciso occupar.

Esta praia está cada vez mais animada, sendo raro o dia que não chegam novos hospedes. Vae pois augmentando constantemente o registo numerico d'esta população fluctuante.

Quando vejo chegar algum barco, trazendo-nos mais uma familia, este meu pobre coração sempre enthusiasta pelas coisas da Costa Nova, exulta de alegria, sente-se bem. Pouco me importa se são familias estranhas á localidade, antes o estimo: são outras que vem fortalecer o nosso grupo e compartilhar d'esta affeição escolar que sinceramente domina no nosso meio.

Quem, por falta de relações, deixou de prestar aos recem-chegados os cumprimentos do uzo social, espera pelos incidentes do banho e passeios.

— O tempo, no começo da semana, mostrou-se bem nosso amigo, mas por ultimo fez travessura. A semana principiou com manhãs frescas, optimas para banho, que nos trazem do opulento oceano essa aragem amena e pura das florestas densas do equador. Mas tardes ardentes a valer que não deixam pizar estas areias movediças e inconstantes como alguns corações... A viração norte que todos os dias nos vizita, é a valvula de segurança nas praias. Se não fôra ella, a temperatura aqui seria egual á que respiramos nas nossas povoações. E então superior a tudo isto, umas noutes encantadoras as que temos gosado.

O meu relogio acaba de bater as dez horas da noute. Agora sinto que o vento, que foi hoje mais teimoso, abrandou quasi repentinamente. O mar, esse, parece o gigante adormecido, transpirando apenas, recostada a cabeça na almofada do seu leito de nupcias.

Na amplidão do firmamento, recamado de miriades de estrellas, campeia mais tarde risonha a lua trazendo até nós a candura saudosa do seu brilho. Da nossa varanda destaca-se para o nascente, uma paizagem pouco nitida: arvoredos em grupos, parecidos com nuvens escuras, deixando em relevo as clareiras do areal esteril e ao longe, como que pondo a mão no horisonte, o vertice das serras. De quando em quando, já muito antes d'essa hora, ao sussurro rude dos barqueiros em arranjos culinarios de ceia, vem juntar-se o piar agudo das aves aquaticas, que vão procurar pouzada. Todas as noutes são de pezo sobre a alma, e mal vae para nós, banhistas, se se não applica a esta doença endemica da natureza um reagente efficaz. Que venham, são indispensaveis as tocatas pela praia ou pela ria. E' preciso que a mocidade representada no grupo de rapazes, que são o sangue novo, que devem ser a vida da praia, continue a mimosear-nos com estas diversões agradaveis, que devéras estimamos e agradecemos.

Meus amaveis rapazes: a epoca é toda de lucta, exige-se hoje muito, a sociedade constitue martyr do dever quem possue prendas, e então, meus amiguinhos, não ha remedio senão repetir e repetir sempre. Quasi que estamos condemnados a aturar o som desafinado (destemperado lhe chamam), da viola e a voz aspera e rouca do bom pescador, que estruge da taverna até altas horas da noute!

As familias dos banhistas tem tido reuniões, em que as horas da noute correm pressurosas, e o convivio distincto se ha sempre manifestado. O tempo passa-se aqui magnificamente e até causa pena como elle corre tanto.

E' pungente a lembrança de que os 30 dias de praia, são ponto final d'este bem-estar. Quanto mais nos approximamos d'esse termo fatal, mais *estarrecidos* ficamos. Mas em quanto esse dia não chega, vamos para o banho, para a rua, para os botes, para a margem da Gafanha a pretexto de nada, e á noute para as sallas attender a graciosidade muito distincta das damas e prestar-lhes toda a nossa consideração.

A.

Noticias do districto.—*Ponte do Vouga, 17.*—Um enorme clarão despertou hontem á noite a nossa attenção, pois um violentissimo incendio destruiu os baldios da proxima freguezia de Macinhata do Vouga, concelho d'Agueda, na margem direita do rio, e proximos de Carvoeiro e Sernada. O fogo lavrava com grande violencia, sendo tanto o fumo, que chegava muito longe. A vista, que se observava da Quinta da Mesa era soberba, pois o clarão avermelhado alumiava os montes e as aguas, dando-lhes tons phantasticos. Accudiu ao local do sinistro um grande concurso de moradores, mas só hoje de dia pôde ser debelado o voraz elemento, que produziu bastantes prejuizos, ignorando-se se foi o fogo lançado de proposito.

— Quasi todas as noutes se observam grandes queimadas nas serras que se avistam d'aqui.

— A festa do Béco foi de espavento. No pittoresco Souto houve illuminação, e as duas bandas de musica de Albergaria e Fermentellos, tocaram a capricho até de madrugada os seus escolhidos reportorios. Estavam ambas muito afinadas e batendo-se com todo o denodo, sendo muito applaudidas. No dia houve missa, e sermão por um novel orador, e de tarde musica por aquellas duas phylarmonicas e uma *contradança*, executada n'um tablado, por *machos e femeas*, vestidos a caracter.

— Os echos solitarios teem sido acordados com os sons maviosos e ternos d'um piano, que ora toca as walsas mais arrebatadôras, ora geme as mais sentidas endechas! Refiro-me ás *soirées* animadas, que teem havido ultimamente na Quinta da Mesa, onde as horas correm ligeiras no mais alegre convivio.

Até á vista.

M.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *Marrocos e Constantinopla*, da C. N. Editora, fasciculo n.° 43.

— *A Estação*, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.° 16 de setembro.

Summario: Correio da moda.

Gravuras: Costume com corpo blusa para menina—Costume franzido—Vestido com tunica sobretudo para menina—Blusa com camisinha—Vestido decotado para menina—Costume de phantasia (calças, corpinho e blusa) para menino—Tamborete ornado de pregos de tapeceiro—Camisinha para menina abotoando sobre o hombro—Pala para a camisa—Camisa de dormir para menina—Costume com pala para menina—Paletot inglez com capuz—Vestido de interior elegante—Costume com saia apanhada—Vestido caseiro—Costume com fichu—Bonet Charlotte Corday—Vestido de pompadour para saráu—Costume tunica com paineis—Colette para corpos abertos—Cercadura (modelo typo) para tapete—Peitilho de crepe—Renda a bilros—Renda de Genova antiga com 32 bilros—Bordado sobre linho oriental para tapete—Costume (calças e jaqueta) para menino—Chapéu redondo ornado de renda—Costume com corpo blusa—Costume de praia com chapéu e sombrinha—Corpo blusa para o costume—Costume com saia liza etc., com um figurino colorido representando costume com dupla manga e costume com avental apanhado e folha de moldes.

— *A Illustração*. A Exposição tem sido inexgotavel manancial, habilmente aproveitado por aquella esplendida revista para fornecer aos seus numerosos leitores informações curiosissimas e cheias de interesse. Demais, continua sempre a dar excellentes gravuras artisticas sobre diversos assumptos, assim como brilhantes artigos litterarios, firmados por alguns dos nossos escriptores de mais nome.

Aconselhamos a leitura do numero correspondente a 15 de setembro, por que representa uma hora deliciosamente passada.

A Illustração contém 16 paginas nitidamente impressas em optimo papel, e custa 100 reis cada n.° avulso.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *A Moda Illustrada*. Está em distribuição o n.° 258 de 15 de setembro. Figurinos variadissimos, e d'uma originalidade e bom gosto incomparaveis. Moldes, e descripções de todos os modelos. Desenhos de bordados, etc. Secções litterarias, cujos artigos principaes são de Julio Machado e Gervasio Lobato. Romance, com illustrações, e *Correio da Moda*, pela sr.ª D. Elvira Gorjão, a quem estão entregues as secções de modas, que esta senhora trata intelligentemente e com reconhecida proficiencia. Este jornal de modas consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes separados, pelo preço de 200 réis avulso.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *O Açafate de Costura*, publicação quinzenal, de trabalhos de crochet, tapessaria, etc. n.os 10, 11 e 12. Assigna-se no escriptorio da empreza, rua de D. Fernando, Porto.

O attentado contra Crispi, presidente do conselho de ministros de Italia.—O sr. Crispi estava em Napoles. Descia em carruagem com sua filha, da parte alta da cidade, onde está morando, para dar um passeio á beira-mar, quando ao passar pela rua Caracciolo, um rapaz decentemente vestido se approximou da carruagem, saltou ao estribo, e empunhando uma grande pedra ponteaguda, deu com ella no queixo do ministro. A pancada produziu um ferimento que profundou até o osso. Pelo ouvido direito do sr. Crispi começou logo a correr sangue. Tudo se passou com extrema rapidez. O sr. Crispi apenas teve tempo para erguer-se e proteger com o corpo a filha, que assustada e meio desfallecida gritava: «Papá! Papá!» Alguns individuos que iam passando prenderam o criminoso e entregaram-o aos guardas de policia, em quanto o sr. Crispi regressava a casa, para cuidar do ferimento. O seu estado não é grave, mas os medicos prohibem-lhe o fallar. Segundo a descripção do facultativo assistente, a ferida tem direcção longitudinal e cinco centimetros de comprimento, e penetra até o osso. Houve uma leve commoção cerebral e uma pequena homorrhagia pelo ouvido direito. O primeiro telegramma recebido pelo sr. Crispi era datado de Monza e assignado pelo rei, que pedia em termos affectuosos noticias immediatas.

O auctor do attentado chama-se Emilio Carapoli, tem 21 annos e é natural de Pouilles. Declarou não ter tido relações nenhumas com o sr. Crispi; que era estudante e que, falto de meios de subsistencia, teve que abandonar os estudos e procurar um emprego, que não conseguiu obter. A morte do pae aggravou-lhe a situação. Pediu um subsidio ao governo, que lh'o recusou. Desesperado, recorreu áquelle crime, para entrar n'uma cadeia. Estas foram as declarações do criminoso, logo depois de ser preso.

Um telegramma de Napoles, com data de 14, o dia seguinte ao do attentado, affirma que dos interrogatorios feitos a Carapoli não se tinha podido ainda concluir qual o verdadeiro movel do crime. Os jornaes radicaes italianos declaram que, para honra do paiz, não é possivel que o attentado tivesse caracter politico.

Boulanger — O novo manifesto.—Eis o novo manifesto dirigido pelo *brav' général* aos eleitores de Montmartre:

O momento desejado vai chegar.

Dentro de poucos dias, a Franca decidirá entre a politica leal do partido republicano nacional e a politica equivoca e astuta de que o parlamentarismo é a triste expressão. Não ha, na realidade, mais que dois partidos face a face: o partido ferrysta e o nosso, o partido radical, que abdicou definitivamente aos pés do senado.

Nós queremos a Revisão, e os nossos adversarios repellem-na. Votar por nós é votar pela continuação das nossas liberdades, confiscadas por aventureiros sem patriotismo nem honra; é votar tambem contra as delapidações financeiras e as extravagancias coloniaes, que tem custado, em poucos annos, mais de 1:500 milhões ao thesouro e mais de 40 milhões de homens ao paiz.

A Republica, de que se queixam os politiqueiros opportunistas e radicaes, foi por elles levadas á beira do abysmo; seremos nós quem impedirá que ella se precipite.

Mas esses homens prefeririam deixal-a sossobrar na tormenta, a ceder a outros o logar onde elles edificaram pela corrupção e pelo terror a sua influencia e a sua fortuna.

Eleitores de 18.° departamento: E' preciso que vos pronuncieis claramente, sem outro cuidado que o do alvo a que miraes; os homens não são nada n'uma batalha que vai decidir da sorte da patria e da Republica. E se vos peço o vosso suffragio é porque represento actualmente, não uma personalidade que as perseguições e as calumnias pozeram em evidencia, mas o sentimento nacional, que aspira a desembaraçar-se, emfim do pesado fardo das dividas crescentes, das iniquidades intoleraveis, das humilhações da patria. Viva a França! Viva a Republica!

General Boulanger.

Londres, 12 de setembro de 1889.

Touros em Salamanca.—E' do *Diario do Commercio*, o seguinte:

Quando chegamos á praça, a banda do «intelligente e applaudido maestro sr. Basoa»—segundo o programma—executava uma jota, e dois marmanjos, vestidos de bluse côr de rosa e barretinho azul, bailavam a compasso, desengonçadamente, na ossatura descarnada, de velhos pedintes. No entanto o amphitheatro ia-se enchendo. Uma multidão uniforme occupava o sol. Os trajos sem relevo, sem côr, descurados, quando não pobrissimos, casavam-se com o descascado da praça sem tinta, a herva crescendo nas frestas das escadarias, um grande abandono de edificio desprezado durante o anno inteiro, servindo apenas para as festas annuaes da municipalidade. A alegria, o tumulto, o enthusiasmo, cantados pela reportagem impressionavel, absolutamente ausentes; e a diversão popular das Hespanhas principiava pelo esperneamento dos dois marmanjos, dansando a jota na arena, perante a indifferença completa de toda aquella gente, que tinha mais que respeito pela presença do sr. alcaide. O genio bulhento, agressivo, palanfrorio dos salmantinos, estava certamente, na tarde de quinta-feira, recolhido n'um prudente temor pela auctoridade, que, sem sabermos porque, desceu duas vezes do seu camarote para prender dois individuos, que não tinham feito cousa alguma. Muito pacatos os salmantinos. Depois da jota, maestro Basoa arrancou uma peça descriptiva. Havia tiros de bombarda nas trompas e timbales, e, para que maior fosse o effeito, já de si bastante bellicoso, um rapazola na arena, ao lado da banda, queimava bichinhas chinezas, acompanhando, quanto possivel, as descargas formidaveis dos metaes. Muita gente; mas taciturna; vestindo de preto; aqui e além algumas mulheres; nos poucos camarotes, rarissimos os rostos formosos, rarissimos os trajos elegantes. Não queremos dizer que em Salamanca não haja a mulher gentil, graciosa, tão incensada pelos poetas e tão repenicada nas bandurras, mas o Porto póde ser exigente, porque é, depois de Sevilha, a cidade das mulheres mais formosas da peninsula.

Maestro Basoa e a sua banda levantaram da arena, ao mesmo tempo que pelo lado do nascente entrava o grupo dos bandarilheiros de Espartero. Tudo pobre e sem brilho, se exceptuarmos o heroe da tarde. Espartero é um rapaz novo, alto, elegante, nervoso, posto que pisando a arena sem a arte soberana de Mazzantini. Vestia côr de lilaz e ouro, realçando mais ainda no meio de toda aquella pobreza de espectadores e de artistas.

A lide principia pelo *trabalho* dos cavallos e termina pela morte do touro. Os animaes quadrupedes que entram vivos na praça devem sahir mortos. No caso contrario *não cumprem*. Se algum dos bipedes sae no mesmo estado, esse *ex-cumpre*.

Afinal sae o boi da gaiola. Sem impeto, sem ser picado n'um recinto estreito, como são as gaiolas das praças portuguezas, o boi enorme, pesado, como o nosso gado de embarque, olha surprehendido pela praça. Ao lado direito do curro, dois picadores esperam o animal, que geralmente avança para aquelles estafermos, mais assombrado pela audacia do que enraivecido contra o inimigo.

O picador...

— Quanto ganha cada um d'estes homens, perguntei a um cavalheiro, que pagou como eu nove pesetas para estar sentado n'uma trave.

— Vinte e cinco duros.

— E por isso arriscam a vida aqui todo o instante!

— Mas é a canalha mais ordinaria da nossa terra. Creia-me: aquillo não vale mais do que o animalejo que elles montam.

O boi a dois passos do cavallo, levantando a cabeça colossal, olha por um momento para o vulto extravagante. Media aquella aventesma o cavallo com os olhos vendados por um velho lenço vermelho; o outro escarrapachado no selim; enormes meias brancas, uma jaqueta amarella e na mão direita e fincada sob o braço curvo a a haste do espique grosso e forte.

Passados alguns instantes de hesitação, o boi investe com o cavallo. De ordinario o picador defende-se mal, a contento dos espectadores. Então soerguendo na armadura poderosa todo aquelle peso, cavallo e cavalleiro levantam-se no ar, trepidam um momento, n'um desequilibrio grotesco, e a massa desaba para o lado opposto ao toiro, desventurando-se o animal, correndo uma onda de sangue vermelho e de intestinos roxos, como se uma navalha sevilhana tivesse rasgado o odre de todas as immundicies.

A multidão aquece, applaude; surge um sorriso intimo, como uma claridade santa, na face das donzellas nervosas; uma fulguração de luz corisca na profundidade dos olhos negros. A corja do sol grita e vocifera; a banda do maestro Basoa destempera um compasso da jota, e o boi assustado a principio, depois cheio de colera pelo sangue, e furioso com o arruido da praça, circumda a arena investindo outro cavallo, como uma catapulta.

Por vezes rôto o ventre, aberto o peito, que jorra uma fonte vermelha, pastosa, não cae ao primeiro ataque e segue pelo circo arrebatando o bestial cavalleiro. Um d'elles vimos nós calcando os proprios intestinos, embaraçando nas pernas todo o bandulho pendente, de modo que por instantes o espectador assiste á phantastica scena do trotar d'um cavallo vazio!

Como os animaes derrubados e mortos ficam na praça até á morte do touro, este investe por vezes contra o vulto desventrado, espedaça-o pela ilharga, e faz saltar retalhos de carne ensanguentada, escorrer liquidos nojentos, até que as capas retirem a fera de sobre o espapado animal. A brutalidade d'este incidente é de tal ordem que nem o «sol» sanguinario, boçal e barbaro applaude ou grita.

Depois de um bellissimo trabalho de bandarilhas e capotes, o presidente da funcção agita um lenço vermelho, e os timbales e clarins, alcandorados na plataforma do oriente da praça, tocam á morte do touro.

Vagarosamente, triamente, sereno, implacavel, Espartero—o capote sobre a curva do braço, a espada na mão esquerda—avança para o touro alquebrado pela carreira. Todas as capas na praça. Uma grande anciedade no amphitheatro. Os primeiros impetos da fera são frustrados pelo capote. O boi lasso do combate, recúa, humilha-se, verga a cabeça; para o espada dar o golpe carece por vezes de a levantar com o capote. Depois—o boi parado—apontando por um momento a lamina ao cachaço, n'um ataque violento, Espartero estende o braço e a arma penetra como um raio até aos copos. Na maioria dos casos a espada fere o osso e salta para o ar; repete-se duas, tres, quatro vezes o golpe frustrado.

Como o touro tem recuado até á trincheira,—quasi sempre, depois de ferido, o animal vae procurar morrer á entrada do curro—covardemente, a medo, o pontilheiro descarrega a choupa sobre a cabeça do boi, assassinando-o. O quinto boi era um esplendido exemplar da raça brava das campinas. Corpulento, côr de cinza, as hastes abertas e curvas, a cauda extensa, o olhar persistente, duro, inflexivel; pelas narinas dois jactos de vapor, como se dentro da cabeça enorme refervesse uma caldeira de raiva. Os cavallos que se lhe apresentaram foram jogados ao ar como manequins de palha, e os picados queixotescos tinham-lhe aberto o couro, na defeza inutil e falsa dos melancolicos ginetes. Quando Espartero avançou para elle, o gigante da planicie recuou dois passos, extranhando a scintillação do aço, a côr terna do trajo, e a gritaria das rosetas e dos bordados que cobriam todo o peito, os hombros e o ante-braço do galhardo toureador. N'um momento, a espada foi cuspida da ferida, duas vezes, tres vezes. Ao mesmo tempo que o boi tremia de dôr e lacrimava sangue, o toureador—artista despeitado—enchia-se de colera. Os golpes eram pouco firmes, o olhar do espada perturbava-se como se nublavam os grandes globos vitreos da fera. Ao quarto ataque, o animal quebra a mão esquerda e confessa-se vencido. Recúa até á entrada do curro, cambaleando, pausadamente, como um heroe que não foge e que morre de frente para o inimigo. Apenas desejava—se podesse formular um desejo—que o deixassem morrer junto aos individuos da sua raça, tranquillamente, como quem acaba de cumprir, á Spartac, a nobilissima tarefa de fazer crescer o coração do homem e arrancar um sorriso doce, com a sua agonia, nos labios das pallidas madonas. Fazia por soerguer a cabeça pezada surgindo n'uma cabelleira de sangue, como Matho diante da muralha onde se debruçara Salambô; mas a dor, a laxidão, a cobardia inspirada pelo lampejo constante do ferro, que o seguia a dois passos, derrubavam o como a golpes de hacha.

E arrastando-se sobre as mãos, provocado pelas capas, chamado pela gritaria da turba, espicaçado nas narinas pela espada impiedosa de Espartero, a enorme corpulencia teve um tremor supremo, desabando sobre o solo que já era um lamaçal de sangue, sem acceitar mais uma vez o terro. Ambos vencidos. No entanto, nas bancadas da sombra a «merendera» vendia mantecados; as creanças lambuzavam-se de assucar e as raparigas coqueteavam os namorados galhardos.

Na corrida a que assistimos, na quinta-feira, foram mortos seis touros e quatorze cavallos; e a sensação geral que nos feriu pelo decurso do espectaculo foi aquella repugnancia que devem ter todos os homens modernos pelas sujas bestialidades.

Projecto d'uma grande feira em Paris.—Entre os grandes commerciantes e industriaes de Paris tem-se discutido ultimamente o projecto de se aproveitar a maior parte dos edificios da actual exposição para n'elles se estabelecer uma grande feira annual. Em um banquete, mr. Sandoz, membro do jury da exposição e presidente de numerosas Sociedades industriaes e commerciaes, alvitrou que se estabelecesse permanentemente no Campo de Marte uma grande feira annual como a de Nijni-Novgorod, no Oriente, e a de Leipzig, onde se fazem transacções de mais d'um milhão de francos no espaço d'um mez. A de Paris seria a grande feira do occidente; os estrangeiros levariam alli as materias primas; os commerciantes encontrariam na feira os diversos productos que vão actualmente buscar a Anvers, Hamburgo e Londres; os que concorressem a ella comprariam em troca manufacturas francezas, e o commercio de França obteria beneficios de importancia incalculavel. Tal foi o programma emittido por mr. Sandoz, e que foi acolhido com enthusiasmo pelos commensaes, que passavam de 150, e que o ministro Ives Guyot acceitou plenamente. Como é desejo geral em Paris de que não desappareçam as grandes construcções da esposição, é muito possivel que o projecto chegue um dia a ser realidade.

Candidaturas femininas.—Nas proximas eleições de deputados em França, serão apresentadas nos departamentos de Paris, pela «Liga de mulheres socialistas», tres candidatas. O resultado d'esta campanha foi... uma gargalhada geral. A campanha de hoje terá o mesmo successo. Dentro de poucos dias realisar-se-ha em Paris uma grande reunião publica, organisada pela «Liga de mulheres socialistas», em que as tres candidatas, Astier de Valsayre, Eugénie Potonié e Saint-Hilaire, desenvolverão os seus programmas politicos, que se resume n'isto:—a questão femmina.

Não sahirão d'esta these. O que ellas querem é entrar no parlamento, á maneira das mulheres de Aristophanes, disfarçadas em homens, como ás vezes anda madame Astier de Valsayre, e fazerem adoptar uma nova constituição, que investirá o sexo feminino da direcção exclusiva dos negocios publicos. Aguardando o resultado da votação de 22 do corrente, vamos esboçar a physionomia das tres candidatas: Madame Saint-Hilaire, mulher pequenina, viva, cabellos grisalhos, olhos intelligentes, 48 annos de edade. Tem conversa agradavel e falla muito depressa. Escreveu grande numero de romances, onde a mulher é sempre representada como victima e o homem como algoz. E' tambem auctora de numerosas brochuras socialistas e de varios estudos politicos. E' viuva. Vive só, n'uma casa que parece um museu. E' uma collecionadora de primeira ordem, e falla nas reuniões politicas pelos cotovellos. Madame Eugemé Potonié, 40 annos, casada, caracter bondoso, espirito esclarecido. Tem escripto varios romances, sob o pseudonymo de Pierre Potonié. Não sendo bonita é, comtudo, muito attrahente, e tem maneiras encantadoras. Os seus intimos dizem-n'a bondosissima. Nunca fallou em reuniões publicas. E' timida, acanhada, ligeiramente melancholica. Mas apesar de timida, combate ha mais de vinte annos pelo seu sexo, com grande perseverança e ardor. Madame Astier de Valsayre, é uma mulher dos demonios. Tem batido nos homens, e provocado em duello varias mulheres. Aconselhou as japonezas a não vestirem como as parisienses, reivindicou o direito de usar calças, etc., etc. Intrepida, corajosa, gostando de polemica, pella-se tambem pelo cheiro da polvora e pelo zumbido das balas. Madame Astier divide o seu tempo entre as lettras e as sciencias. Tem em casa um laboratorio onde manipula todo o genero de ingredientes e de materias chimicas. E' mãe de dois rapazes, de duas creanças adoraveis, que estremece, e a quem todos os dias dá lição de mathematicas comparadas. E' essa a sua distracção predilecta. Tem 35 annos, é loira, magra, pequenina, muito viva, sempre em movimento, sempre risonha, ar motejador, extremamente voluvel a fallar. Usa lunetta. «Um bom rapaz, por fim de contas». Quanto a politica, não é blanquista, nem autonomista, nem opportunista; é «femenista», e batalha pela melhoria da sorte da mulher. Foi ella quem fundou, em 22 de agosto ultimo a «Liga das mulheres socialistas», que hoje conta 75 associadas.

Entre as reformas que reclama, citam-se a protecção da infancia, a amamentação materna, a suppressão da pena de morte e da guerra, a egualdade absoluta do homem e da mulher, o accesso de todas as profissões ás mulheres, etc.

Um palacio de assucar.—O importante industrial norte americano, sr. Claus Spreckels, no seu projecto de fabricação de assucar, afim de facilitar o transporte dos seus productos e preserval-os das variações athmospphericas, julgou da mais alta conveniencia solidificar o assucar em grandes torrões. Depois de muitas experiencias, o sr. Spreckels descobriu por fim um processo por meio do qual se póde dar ao assucar a consistencia e brancura do marmore, e preparal-o em grandes pedras identicas ás que se empregam na construcção dos edificios. O doutor Glaris, advogado em Washington, occupa-se actualmente da acquisição do previlegio d'este invento. Spreckels, desejando tornar conhecida a sua invenção, tenciona construir um edificio contiguo á Casa Branca, empregando na sua construcção grandes pedaços de assucar petrificado segundo o seu processo, e para a qual construcção apenas pede um pequeno credito ao governo do seu paiz. Spreckels assegura que para a fabricação dos ladrilhos e mais pedras, empregará assucar de canna da Luisiana e de beterraba de Kanzas. O doutor Glaris diz que o projecto, apezar de parecer absurdo á primeira vista, é realmente praticavel e que os seus iniciadores estão decididos a leval-o a effeito. Mas aqui está um palacio que precisa de numerosas sentinellas. Os gaiatos, se poderem, levam de manhã até á noite a lamber-lhe as paredes. E mesmo as sentinellas... de noite... Uma lambedella n'uma columna, n'uma esquina, para entreter... Nada. Por mais rijo que esteja o assucar, sempre é palacio que póde ser lambido.

CULTURA DE TABACO

ADMINISTRAÇÃO GERAL DA CULTURA DE TABACO DO DOURO

Ordem do serviço

Formadas as pilhas com o peso minimo de 400 a 500 kilos e com a devida separação das variedades do tabaco, requisito essencial para ser recebido prosteriormente, é preciso que o cultivador tenha o maior cuidado em que a fermentação se faça com necessaria regularidade, devendo reputar-se completa quando a côr amarella da folha se transforma em côr de castanha escura, e que o grau do calor attinja de 28.° a 30.°. A folha do tabaco será dividida em tres classes: 1.ª 2.ª e 3.ª.

As manocas formadas com folhas destinadas para 1.ª classe, devem conter sómente folha grande sem ser quebrada, bem fermentada, fina e consistente, e de côr igual, com designação da sua qualidade: o resto da folha deverá dividir-se pelas duas outras classes conforme o estado dá sua perfeição na côr e fermentação, não podendo as manocas constar de folha desigual no tamanho e côr.

E' acceite todo o tabaco, qualquer que seja o seu estado, uma vez que não esteja deteriorado.

Os fardos de 1.ª classe que contiverem manocas com folha que não pertença a esta classe, passará o fardo para segunda classe e assim por deante.

O cultivador que intencionalmente enfardar tabaco detoriorado, não lhe poderá mais ser concedida licença de cultura. E' absolutamente prohibido a todo o cultivador enfardar os seus tabacos sem que o respectivo inspector, ou algum pratico com auctorisação sua, lhe declare que o tabaco está verdadeiramente secco e em circumstancias de se proceder a essa operação.

Depois que o inspector declarar que o tabaco está em estado de ser enfardado, poderá o cultivador proceder a essa operação, sem com tudo fechar o fardo, para que possa passar por segundo exame.

Se o inspector achar que o tabaco não está devidamente fermentado ou que as manocas formadas contéem folha desigual, obrigará o cultivador a formar novas manocas segundo as regras prescriptas.

Muito recommendamos aos srs. inspector dos Seccadouros e Fermentações, ao chefe do Posto Cultural do Pinhão e a todos os praticos, o maximo rigor no cumprimento dos preceitos acima mencionados, advertindo que esta commissão está resolvida a pedir-lhes a responsabilidade, de qualquer falta n'este serviço; e não poderá alegar-se para eximio d'esta responsabilidade nem a ignorancia do cultivador, nem a resistencia ao cumprimento d'estas ordens, visto que elles teem o direito de não acceitar folhas de tabaco senão nas condições expostas; devendo darem parte á fiscalisação das Alfandegas do tabaco rejeitado, quando se dê esse caso, afim de ser destruido na presença da fiscalisação.

Todo o cultivador que não tiver o peso de 400 ou 500 kilos de folha de tabaco, só poderá fazer a pilha definitiva depois que esteja perfeitamente secca a folha de toda a producção, e o que fermentar o tabaco em diversas pilhas abaixo d'esto peso, será obrigado a desfazel-as sob responsabilidade do respectivo pratico.

Quando o cultivador vir que o respectivo pratico não faz as visitas ás suas propriedades pelo menos duas vezes por mez, e que se não presta a dar as devidas instrucções, ou que as dá de um modo pouco conveniente, deverá dirigir as suas queixas a esta secretaria ou aos srs. Agronomo-chefe da terceira região agronomica; na Regoa, ao inspector dos seccadouros ou ao chefe de trabalhos praticos no Pinhão.

E' completamente prohibida a fermentação em folha verde, mas aliás deverá ser secca em seccadouros conforme as antigas praticas, seguindo-se n'este trabalho o que já está prescripto em outras ordens de serviço, e segundo as instrucções do sr. Rodrigues de Moraes. E' prohibido este anno a 2.ª colheita, e deverá desde já proceder-se á distribuição dos rebentos.

Recommendamos ao sr. Agronomo chefe da 3.ª região (Regoo), a fiscalisação d'estes preceitos, pedindo-lhe informações circumstanciadas e successivas sobre o modo de proceder dos empregados no cumprimento dos seus deveres; e esta commissão, depositando a maior confiança na sua intelligencia e pontualidade de serviço, espera que a colheita proxima satisfará ás justas exigencias da ex.ma administração da Régie.

A commissão geral recommenda igualmente a todos os cultivadores a observancia rigorosa de todos os preceitos mencionados em diversas ordens de serviço; e aconselha aos que não quizerem sujeitar-se a esta cultura regulamentada, a desistencia da exploração d'uma tal industria, que, devidamente praticada, póde ser de grande riqueza para a provincia do Douro.

Porto e secretaria da commissão geral da cultura do tabaco no Douro, 3 de setembro de 1889.

O presidente, *Barão das Lages.*

NOVO REMEDIO CONTRA A RAIVA

E' tão importante para nós e cremos que para o geral da humanidade a questão da cura da raiva, que não podemos deixar de publicar, com preferencia a outras materias, tudo o que importa a um assumpto tão transcendente. Sob o titulo *Cura da Hydrophobia* publica um jornal de Hespanha o seguinte:

«Pelo governo civil de Sevilha foi remettida á Direcção de Beneficencia e Sanidade uma memoria que os medicos de Sevilha, redigiram sobre um notavel caso de curamento de hydrophobia raivosa, rigorosamente comprovada em um rapaz. E' de tal importancia o facto, que merece lhe dispensem attenção, tanto os corpos docentes como os medicos e o publico em geral, por cuja razão vamos dar o seguinte extracto d'aquelle documento:

Rafael Santiago Polo, de oito annos de idade, foi mordido no dia 18 de fevereiro ultimo por um cão, que lhe fez duas feridas nas costas. Durante os dias seguintes observaram os caseiros da quinta onde se deu o facto que o dito cão apresentava symptomas evidentes de raiva e resolveram matal-o, como effectivamente fizeram. Passados 17 dias teve conhecimento d'esta funesta noticia o pae do rapaz mordido, e assustado com ella, fez entrar seu filho no hospital de Sevilha, no dia 16 de março. Os medicos do hospital, não dispondo de meios para fazerem conduzir o pequeno aos centros de vaccinação anti-rabica de Pasteur ou de Ferran, determinaram, não sem desconfiança, empregar as fricções mercureaes, ás quaes o rapaz esteve submettido até ao dia 17 de abril, em que lhe deram alta, sem que n'elle se notasse cousa alguma de suspeita ou anomalo. No dia 14 de julho tornaram a apresentar-se pae e filho no hospital, dizendo o primeiro que seu filho se encontrava irascivel e bulhento, com exacerbação nervosa, noite e dia, sem comer nem dormir. Examinado pelos medicos, encontraram estes: pallidez da cara, pulso fraco, expressão de medo e movimento de terror. Receitaram-lhe bromuro potassico e hydrato cloral, de que não fez uso por invencivel repugnancia. Os symptomas de hydrophobia accentuavam-se cada vez mais, a ponto de não deixar duvida ácerca da natureza do mal. Os symptomas eram: duas vesiculas aos lados do freio da lingua, ancia precordial extensiva á laringe, medo e terror extraordinarios, negação completa a tomar toda a classe de alimentos e bebidas, tristissimo em periodos mais ou menos longos, abundante secrecção de saliva, defecação e emissão involuntaria de ourinas, cara indifferente, pupilla dilatada sem fixidez na vista e pulso pequeno e accelerado.

No dia 17, dada a intensidade dos symptomas, previa-se muito proximo um funesto desenlace, havendo já passado 72 horas sem tomar a mais pequena quantidade de alimento solido nem liquido, cuja só presença o enfurrecia; e mergulhado no mais completo delirio rabico acommettia quanto encontrava em volta de si, sendo preciso segural-o, á viva força, para se lhe poderem applicar os remedios. Em tal estado, recordaram os facultativos um caso pratico, que haviam visto n'um jornal, referente á cura de um enfermo de raiva, que cahira n'um vallado de piteiras durante uma das suas exacerbações e mordeu instinctivamente as folhas d'aquellas plantas. Sentindo allivio, continuou a mastigal-as e curou-se. Os medicos, pois, perdidas as esperanças de salvarem o pequeno, não tiveram inconveniente em fazer uso da piteira commum, ou chamada da America, na manhã do dia 18. O doente, logo que se lhe chegou á bocca a folha da piteira, tomou-a com avidez, indicando ao mesmo tempo com a sua attitude que lhe déssem mais: e com effeito tomou-a elle proprio, precipitadamente, e com voracidade a comeu. Desde aquelle momento suspendeu-se o uso dos outros remedios e poude-se observar que os accessos nervosos, embora em egual numero, eram de mais curta duração e menos violentos.

No dia 20: o allivio é muito apreciavel em todos os symptomas; o paciente dorme duas horas: continua sem cessar chupando e engulindo o succo da piteira.

Dia 21: dormiu quasi toda a noite, desapparecendo a ferocidade de suas feições, cicatrisaram as feridas, tomou sem repugnancia um pouco de leite, respondendo com desembaraço a varias perguntas, como quem sáe de um profundo lethargo. Pela tarde tomou caldo e leite com um biscoito, sem deixar de pedir a referida piteira.

Dia 22: dormiu toda a noite; tomou sopa e agua de Selz. Digere bem.

Dia 23: continua o allivio progressivamente. Cada vez toma melhor quantidade de piteira.

Dia 24: o enfermo encontra-se em verdadeira convalescença.

Dia 25: continua sem novidade; sede e fome e sêde.

Dia 26: abborrece a piteira. Todas as funcções se encontram em perfeito estado physiologico.»

Vê-se por esta exposição que a cura se assignou definitivamente. Os medicos portuguezes devem pois ensaiar o novo medicamento e ver o resultado que delle colhem. E' o que a sciencia e a humanidade recommendam.

CARTA DE LISBOA

19 DE SETEMBRO DE 1889.

A graça de Pedrouços, que enlutou as poucas de familias, continua a ser o assumpto obrigado de todas as conversações. O boato que correu ser o Leitão ter sido salvo pela tripulação do paquete *Portugal*, não é verdade. E' falso ter tido a esposa do sr. Leão um parto prematuro. O seu estado salvo a grande dôr que a afflige é m. O relogio que se encontrou na ribeira do naufrago Olympio Ferreira, estava parado nas 7 horas e 30 minutos. Devia ter sido esta hora a que elle cahiu ao mar. Não perfeitamente exacto o que disseram uns jornaes, de que o pae de Olympio Ferreira tambem morrera afogado. Elle morreu no mar, mas sendo capitão de navios foi apanhado em viagem por uma tempestade medonha, nadando tres dias á mercê das ondas e quasi sem esperança de salvação. Salvou-se, mas nunca mais quiz embarcar. Hontem, depois das 11 horas, realisou-se o enterro dos srs. Olympio Ferreira e José Augusto Botelho Pimentel. O funeral sahiu da ermida da Senhora das Dôres, em Belem, para o cemiterio rential, onde os feretros foram depositados no jazigo de Antonio Luiz Caetano. Sobre o caixão do sr. Olympio Ferreira, foi deposta uma magnifica cesta de violetas e rosas, com fitas de séda branca, franjadas a ouro, offertada pelo sr. Antonio Luiz Caetano. Sobre o feretro do sr. José Botelho, foram tambem depostas duas corôas: uma de palmas verdes e rosas de *biscuit*, entrelaçadas com fitas brancas e negras, franjadas a ouro, offerecida pelos empregados da fiscalisação e estatistica dos caminhos de ferro; e outra de rosas bancas e fitas da mesma côr, franjada a ouro, da Associação dos empregados dos caminhos de ferro.

Na autopsia que se fez ao cadaver de Thomaz Olivera, não se lhe encontrou nada no estomago, o que faz prever que elle morreu muito tempo depois de ter jantado.

Hontem ás 5 horas e meia da manhã, sahiu o cadaver de Cascaes, acompanhado do administrador do concelho sr. Jayme Arthur Costa Pinto e dr. Ferraz. No Dáfundo e em Algés, grupos de operarios da fabrica esperavam a passagem do feretro, e os seus rostos mostravam claramente a afflicção e saudade que os opprimia. Depois de passar a carruagem com o cadaver, metteram-se no americano e vieram esperar para a egreja dos Paulistas, onde carregaram com a urna para a egreja. O prestito chegou ás 9 horas da manhã. A's quatro da tarde, depois das encommendações do estylo, sahiu o prestito funebre. O feretro ia n'um coche coberto de crepe. Seguia-se a carruagem dos sacerdotes, e depois um acompanhamento numeroso, composto de cento e dezoito tas, conduzindo os srs. presidente do conselho, general commandante da divisão, alguns titulares, commissario de policia, pessoal superior e menor do governo civil, muitos empregados policiaes, negociantes, industriaes capitalistas e grande numero de operarios da fabrica do sr. Olympio. Sobre o feretro foram depostas as seguintes corôas: Da viuva, de lilazes, amor perfeitos e despedidas, com fitas brancas, tendo a seguinte dedicatoria: «Ao meu chorado esposo»; do sr. dr. Carlos José de Oliveira, governador civil de Leiria e sua esposa, de violetas, heras e flores perfeitos, com fitas roxas: «Ao meu irmão e cunhado»; de Isidro Sos da Silva Pereira, de violetas e margaridas, com fitas roxas: «Ao meu querido amigo Thomaz José de Oliveira» dos operarios da fabrica de vidros da rua das Gaivotas, de rosas brancas violetas, com fitas brancas e roxas: «A Thomaz José de Oliveira—Saudosa recordação dos seus operarios»; dos empregados da mesma fabrica, de rosas brancas, myosotis e violetas: «A Thomaz José de Oliveira—Saudosa recordação dos seus empregados»; do sobrinho, de rosas e lilazes: «A meu querido tio»; da Associação Commercial dos logistas, de despedidas, amores perfeitos e madresilvas, com fitas roxas: «Thomaz José de Oliveira, vice-presidente da direcção—A Associação dos logistas, em homenagem de muita consideração». O caixão foi levado á mão pelos empregados da fabrica, pegando ás borlas, do carro para a porta do cemiterio, os srs. Jayme da Costa Pinto, Fernando Leite, Pedro Barroso, conde de Louzã, Pinheiro Mello e Joaquim Pereira Alves; da porta do cemiterio para o primeiro descanço, os ss. presidente do conselho, general S. Carneiro, Manuel Joaquim Carrilho, Souza Martins, Julio Gerardo d'Assis e Cunha Belem; d'alli para a capella, os srs. Franco Castro, Lacerda e Mello, Estrella Braga, Jorge Sattro Cruz, Brito Freire, Isidro Soares Silva Pereira; e da capella para o jazigo, os srs. João Alfredo Dias, Rosa Araujo, Garcia, dr. Matta Gomes, Julio Ferraz e Emygdio Pereira. A's argolas pegaram sempre os operarios da fabrica. O corpo ficou no jazigo do sr. Joaquim José Bar-

ros. A' beira da sepultura fallou o sr. Pinheiro Mello, que elogiou o defunto como industrial, pelos serviços prestados á associação, como chefe de familia e amigo dos operarios. Nas proximidades da fabrica da rua das Gaivotas, os estabelecimentos conservaram meia porta fechada durante o dia.

Ainda não ha noticia dos tres cadaveres que faltam, que são os de Joaquim Leitão e das duas creanças.

— Nas grandes obras que o sr. marquez da Foz traz no seu palacio da Avenida estão trabalhando esculptores italianos mandados vir expressamente para esse fim. As obras do vestibulo da entrada, bem como o interior das salas, têm grande adiantamento. A direcção d'esta importante obra foi confiada ao distincto esculptor sr. Leandro Braga.

— O sr. Alcino Aranha vae estabelecer por estes dias a filial da sua livraria do Porto, n'um primeiro andar da rua dos Retrozeiros. Tem em preparação as seguintes edições: *Por montes e valles*, de Ramalho Ortigão; *Historia do Brazil*, de Pinheiro Chagas; *Pasquinadas*, de Fialho d'Almeida, e outras.

— Está concluido o caminho de ferro de Cascaes. A linha segue á beira-mar, a partir de Algés, onde ha estação, bem como em Pedrouços, Paço d'Arcos, etc. Os edificios das estações são muitissimo elegantes.

— Em Alemquer teem apparecido compradores de vinhos da proxima colheita, sendo os preços offerecidos remuneradores. Acham-se já effectuadas algumas transacções. Um dos vinhateiros vendeu todo o vinho branco e tinto a 360 reis o almude, ficando por conta do comprador as despezas de vindima, fabrico e transporte. Na Azambuja tambem se vendeu algum vinho a razão de 400 reis o almude. A casa Velloso & Tait comprou vinho branco; e dizem que comprará ainda mais, tanto no concelho de Azambuja como nos de Torres Vedras e Cadaval.

— O sr. Quintino Bocayuva, o notavel jornalista brazileiro, vae dirigir uma carta á imprensa portugueza, a proposito do attentado contra o imperador do Brazil.

— Diz-se que o sr. Xavier de Carvalho, correspondente da *Provincia* em Paris, vem no proximo inverno para Lisboa, fazer parte da redacção de um dos jornaes d'esta cidade.

— Partiu para o Algarve o sr. Marçal Pacheco. Vae tratar da sua eleição, que é segura.

— O pessoal para a installação da agencia financial portugueza, parte ámanhã para o Rio de Janeiro, no paquete *Elbe*.

— Seguiram ante-hontem para Inglaterra a bordo do *Amazonense*, 30 tripulantes portuguezes, que vão tomar conta dos novos vapores *Ibo* e *Loanda*, da Mala Real Portugueza. Será commandante do primeiro o sr. José Sabino Gonçalves, e do outro o sr. João Lopes Mathias.

— Foi encarregado de dirigir a repartição de fazenda de Estremoz, o official da repartição de fazenda do districto de Evora, o sr. Joaquim José Sanches da Veiga.

— Na secção fiscal de Portalegre tem sido feitas pela guarda fiscal importantes apprehensões de tabacos e fazendas.

Y.

CARTA DE FOZCOA

19 DE SETEMBRO DE 1889.

Do Cacarrinho dos arames
ao seu amigo Calcinha, da Verengueira

Meu amigo.—Não pude comparecer ahi no dia aprasado porque tenciona haver aqui rijo festorio por causa das eleições que hão-de fazer-se brevemente e nas quaes será deputado opposicionista por este circulo o sr. Julio de Moura, e segundo outros o seu bordão Chiote. Que gaudio! que reinação! Ando aos pulos de contente. As pousadeiras avolumaram-me a ponto de ser-me preciso metter ensanchas nas calças! Até sonhando penso n'isto. Creio religiosamente em sonhos, e por isso vou contar-te um que tive ha pouco. Ora ouve:

— Era na tarde de certo domingo. O portão, cancella da quinta do Carrascal achava-se enramado de festões de hera e no topo tremulava uma bandeira de variadas côres que, na opinião dos entendidos, significava as muitas caras politicas do sr. Moura. O terreiro da casa era occupado por differentes grupos e, junto da coelheira, notava-se um onde o dono do predio gesticulava como um possesso. Abeirando-me d'este grupo pude ouvir ao orador uma succulenta prelecção sobre a raça dos coelhos! O sr. Moura esgotou a arte culinaria para demonstrar, com uma certeza mathematica, como se podem amalgamar em qualquer bucho dois ou mais coelhos!!! Fallou de sciencia certa, porque, segundo consta, elle tem uma força digestiva extraordinaria. Poderemos, pois, classifical-o *homem giboia*. Todos, á uma, disseram então:—Isto é que é fallar sem medidas! Em S. Bento, apenas abrisse o bico, metteria no bucho até o proprio ministerio. Devemos, portanto, elegel-o, succeda o que succeder. E foi desde então que se resolveu trabalhar em seu favor. O nosso proposto Chiote foi quem, aos arrufos de caixa forte, fez a proposta, tecendo magnifico elogio aos eminentes dotes que revestem a excelsa pessoa do sr. Moura. Alguem que não tem a consciencia tão *melada* como o Chiote, lhe segreda que elle (orador) ha bem poucos annos pensava absolutamente o contrario.

A isto respondeu, com a vista tesa e de punhos feitos como se estivesse apertando os rombos sovelões d'outras eras:

— Cale-se seu bruto! se eu tivesse seguido por caminhos direitos, ter-me-hia levado o diabo com fome. Eu embirro com o tampuia do Moura que é capaz de nos passar as palhetas por dá cá aquella palha; mas, em occasião de risco como a presente, é preciso cobrir-mo-nos uns com os outros. Entendi que havia historia, e communicando os meus receios a um visinho, respondeu-me:—Não creias n'isso; os cães grandes não se mordem uns aos outros. Para elles não existe dignidade, nem vergonha, quando o estomago berra.—As nossas reflexões foram cortadas pelo apparecimento d'uma tina cheia d'agua onde o sr. Moura, querendo talvez imitar a phoca, saltou, mergulhou e surgiu, trazendo atravessado nos dentes um papelorio que tomando o aprumo dos grandes oradores, elle começou a recitar, mas de modo que ninguem o entendeu, porque gaguejava como um insoffrido maleitoso. Perguntando a alguem o que queria dizer aquelle embroglio, respondeu-me—que é o programma da sua politica se chegar a ser deputado. Isto de programma é para mim coisa muito escura, porque, fóra dos arames e de empalhar albargadas, nada entendo. Por falta de tempo, não passo d'aqui; preciso de ir saber o que se passa pela villa para contar aos nossos. E' verdade que o officio tem seus perigos; posso dar com algum escandecido que aquêça as orelhas.

Sempre teu am.º obg.º
O Cacarrinho dos arames.

— Choveu hontem torrencialmente da 1 da tarde ás 10 da noite. Refrescou a athmosphera e com ella os campos sequiosos d'uma rigorosa estiagem.

— Acha-se pronunciado sem fiança, Antonio Martins Fartóte, da freguezia d'Almendra, que ha tempos violentou uma menor de 2 annos!! Barbaro e horroroso! Ainda não foi preso.

— Ainda não se sabe quem será o deputado por este circulo. Uns dizem ser o sr. Carrilho e outros o sr. visconde de Pinhel. Ha, todavia, mais probabilidades de ser o sr. Carrilho por causa da votação de Pinhel.

— Já regressou do Porto, do hospital da Misericordia, completamente curado, o ex-amanuense da administração, sr. João Antonio Caldeira.

— A junta escolar já deu o seu parecer ácerca dos concorrentes á cadeira d'ensino complementar. Foi preferido o sr. Luiz Maria de Carvalho, professor em Taboaço.

— Na proxima carta apresentaremos aos leitores, devidamente desenvolvida, a receita e despeza com a festa de Nossa Senhora da Veiga, e o saldo a favor em poder do thesoureiro. São dignos dos mais levantados encomios todos os mezarios por tão regular e economica administração dos fundos da Virgem. Espera-se que brevemente principiem as obras na ermida.

Correspondente.

SECÇÃO LITTERARIA

DUAS FLORES DE LARANJEIRA

Durante o jantar, D. Leonor, recebeu uma carta do sobrinho, participando que iria passar as ferias grandes em companhia dos tios.

Por isso, a casa do commendador, ordinariamente silenciosa e triste, viase agora cheia de vida, de movimento.

Lá por dentro havia um rebuliço dos demonios.

A Joanna, toda atarefada, passava revista á loiça da casa, e enfileirava nas mezas os copos mais vistosos.

A D. Leonor, muito cançada, toda vermelha, andava na sala enfeitando as jarras e cobrindo as mezas com pannos de renda.

De vez em quando o commendador, em chinellos, com as mãos nos bolsos, entrava na sala e dizia:

— Olha, menina, é preciso fazermos boa cara ao Adelio, elle não é mau rapaz... não, mas sempre é bom termos os olhos abertos; sabes que a nossa Albertina já está uma senhora; não faça elle por ahi alguma.

E a D. Leonor chegava-se ao ouvido do marido:

— Ora deixa-te de tolices, já bem mal; o Adelio é uma pomba, uma perola—e partia aos pulinhos deixando o commendador todo pensativo.

*

Logo pela manhã, ainda a loura cabelleira do sol mal despontava por traz das serranias, já a Albertina passeava no jardim e esperava impaciente o despertar do primo.

Ha muito que o não via.

Emquanto pequenos tinham brincado muito debaixo das laranjeiras que estavam no ripado.

Uma vez, lembrava-se, vieram buscar o Adelio,—que ia para Coimbra; queriam que fosse estudar para ser homem.—Chorava muito pelo primo, depois não o tornara a ver.

Tinha-se esquecido de tudo aquillo—murmurava baixinho a Albertina.

Hoje porem, que o primo estava alli, tinham-lhe voltado á memoria as folganças, os brinquedos infantis, as historias que o Adelio contava a tia Thomazia para lhe apanhar as maçãs e os figos seccos, e as partidas que fazia á Maria moleira e que tanto a enchia de rizo, sim, lembrava-se de tudo muito bem.

*

Quando o Adelio desceu ao jardim e foi ter com a prima, ficou deslumbrado!

Aquella pequena traquina com quem n'outros tempos tanto brincara, encontrava-a agora completamente mudada.

Estava uma senhora! e achava-a formosa!

Sentaram-se á sombra d'uma roseira e recordaram os tempos passados: como tinham sido felizes!

O Adelio contou as suas aventuras; fallou das saudades que levara da prima e dos tios quando partira para Coimbra, das noites medonhas que passara encostado á banca do estudo, e terminava dizendo—que felizmente só lhe faltava um anno para a formatura.

A Albertina escutava-o enleada, fitando-o n'um olhar languido e prolongado.

Depois passearam pelo jardim.

O Adelio quiz ir ao moinho; a Maria, a moleira, a quem elle roubava a burra para passeiar na quinta, e o João do cego, com quem armava aos passaros, já não existiam.

A casita da tia Thomazia estava a cahir, e o quintalejo onde a pobre velhota seccava os figos, e onde estavam as macieiras, tinha sido invadida pelas silvas e pelos tojeiros.

E o Adelio olhava tristemente para tudo aquillo, e tinha saudadades dos tempos em que enchia todos aquelles sitios com as suas gargalhadas infantis.

*

As ferias terminaram.

No momento da partida, e quando o Adelio se despedia, a Albertina chegou-se a elle, entregou-lhe duas flores de laranjeiras presas por dois fios dos seus louros cabellos, e com os olhos vermelhos pelas lagrimas dizia-lhe—que as tinha colhido nas laranjeiras do ripado, onde d'antes tanto brincaram; que aquillo era para elle se lembrar, para se não esquecer de todo d'aquelles sitios.

E Adelio partiu, beijando e pondo as duas florinhas sobre o coração.

. . . . . .

E' passado um anno.

A casa do commendador, ordinariamente silenciosa e triste, está hoje em festa.

E' que a Albertina, radiante de felicidades, sae da egreja pelo braço de Adelio.

A gentil rapariga tem sobre a cabeça loura uma corôa de rosas brancas, d'entre as quaes sobresahem duas flores da laranjeira já amarelladas pelo tempo, mas ligadas por dois fios de ouro.

Paulo Seguro.

FABULA RUSSA

N'uma pequena cidade, na margem do Oka, vivia um barqueiro, chamado Timopheitch, que exercia o seu mister, tão pouco lucrativo, havia já uma duzia de annos.

O barco tinha tido differentes proprietarios; porém, Timopheitch havia sido sempre o barqueiro. Estava habituado a este trabalho, que lhe assegurava a existencia; demais, como era honrado, possuia toda a confiança do patrão, a quem nunca enganou a respeito de receita diaria.

Todos conheciam o tio Timopheitch, e muitas vezes foi convidado para padrinho dos filhos dos visinhos.

Não tinha amontoado capitaes. Em dez annos, apenas havia podido comprar um vestuario para os dias de festa, e um casaco de pelles de carneiro. Quanto ao *bonnet* de pellucia, desejava um, havia dois annos, e todas as vezes que ia ao mercado comprar pão e provisões para tres ou quatro dias, nunca voltava sem ter parado defronte dos armazens. Contemplava os *bonnets*, escolhia o melhor, regateava no preço, e fazia acreditar ao negociante que viria fazer a compra, logo que arranjasse a somma necessaria. Emquanto esperava, vestia fatos velhos.

Ainda que Timopheitch estivesse habituado ao seu modo de vida, de tempos a tempos tinha inveja dos que viviam melhor do que elle.

— Porque seria, pensava elle, que Deus deu fortuna a fulano ou a sicrano, e a mim nada? Que triste sorte a minha!

E elle começava a lamentar amargamente a sua pobreza, e pedia a Deus lhe concedesse fortuna.

— Então é que eu viveria bem, dizia, não me esqueceria dos pobres: emfim, saberia viver como é preciso!

Um dia, estava Timopheitch proximo da sua cabana, quando viu, na margem opposta, um gendarme que se dirigia para o pontão. Quando este homem chegou á margem, fez signal ao barqueiro para que se approximasse.

— Que me quererá elle? marmurou o barqueiro.

E remou para o sitio, onde estava o gendarme.

Este, ainda Timopheitch estava distante, tirou o bonet, saudou-o, felicitou-o e apresentou-lhe os seus respeitos, acompanhados de votos pela saude e felicidade. N'uma palavra, disse-lhe tantas amabilidades e coisas futeis, que o barqueiro suppoz que o gendarme voltava d'alguma pandega. E Timopheitch olhava-o, sem comprehender coisa alguma.

— Estou encarregado de te participar, disse o gendarme, que estás rico; acaba de morrer um tio teu, em Rostov, onde ganhou muito dinheiro no commercio e, como não deixou filhos, tu és o herdeiro de toda a sua fortuna. Eis a rasão porque o maire me encarregou de te felicitar e pede-te que o vás vêr.

Timopheitch, embasbacado, coçou a cabeça, olhou para o gendarme, que se conservava com o bonnet na mão, saudando-o e sorrindo-lhe.

— Em tudo isto ha alguma coisa verdadeira, disse o barqueiro, porque estes homens não incommodam inutilmente. Mas o que ha, Miron? Acabas sem duvida, de assistir ao anniversario de algum amigo? perguntou-lhe Timopheitch.

O guarda jurou, por todos os santos, que tinha sido mandado pelo «maire»:

— Vem d'ahi e, verás se minto!

Timopheitch decidiu-se a seguil-o. Emquanto andava, ia dando tratos a memoria para saber quem poderia ser o tal parente de Rostov; por fim lembrou-se d'um tio que para alli tinha ido havia já muitos annos, e de quem nunca mais tinha ouvido fallar.

Quando o barqueiro chegou a casa do «maire», este disse-lhe:

Teu tio acaba de morrer em Rostov; legou-te dois armazens e mais de cem mil rublos.

Timopheitch começou immediatamente a fazer os preparativos de viagem; mas apezar da affirmação do gendarme, ninguem queria acreditar na fortuna inesperada do barqreiro, não havendo quem lhe quizesse adiantar a quantia necessaria para a viagem.

Quantoás suas economias não chegavam a cinco rublos.

Comtudo Timopheitch sempre conseguiu chegar a Rostov, apesar de todas as contrariedades.

Quando viu todas as riquezas que ia possuir, não queria acreditar no que via. Nunca em seus sonhos tinha ousado esperar tanto.

Mas como administrar toda aquella fortuna? Era para elle uma questão bastante embaraçosa.

Possue tantas lettras sobre tal negociante, tantas sobre um outro. Aqui, é preciso perseguir, acolá pleitear, etc... etc... Não esquecer os vencimentos... Tal mercadoria foi enviada com um caixeiro viajante para Moscow, uma outra para a fronteira de Kirghis. Os caixeiros viajantes escrevem, dizendo que esperam ordens.

Timopheitch é ignorante; nunca aprendeu contabilidade, e agora, são-lhe precisos dez guarda-livros para que a escripturação esteja em dia. Perde a cabeça, não sabe o que ha-de fazer. N'aquella terra desconhecida não tem quem o aconselhe. E' verdade que elle achou logo muitos amigos, porém, estes serviam só para o enganar e roubar.

Um convida-o para sua casa; adula-o, festeja-o; outro dá-se por convidado; este aconselha-lhe novas emprezas, fazendo-lhe entrever grandes lucros; aquelle apresenta-lhe antigas dividas de seu tio. Em uma palavra o pobre barqueiro vê-se tão atrapalhado, que já não sabe se traz a cabeça em cima dos hombros. Julga-se desgraçado, e tem mais cuidados, do que nunca teve, durante a sua vida. Perde o appetite, não dorme; se assim continúa, pouco poderá viver.

Timopheitch começou então a beber, afim de se distrair, o numero, dos que o ajudavam a dissipar a fortuna, era incalculavel. Comiam, e bebiam, banqueteavam-se, sempre á custa do papalvo.

Um dia, entrou em casa muito embriagado, pegou no candieiro e foi deitar-se; porém, ao chegar ao quarto, deixou cair o candieiro que, quebrando-se, deu origem a que o petroleo se inflamasse.

Timopheitch saiu para pedir soccorro; porém, apenas atravessou dois quartos, caiu e adormeceu por effeito da bebedeira.

A casa ficou completamente destruida e se não lhe tivessem acudido, teria perecido no incendio.

Triste foi o despertar do pobre Timopheitch; todavia, respirou livremente, sentindo o coração mais alliviado.

— Acabaram-se as agitações, pensava elle; não tornarão mais a importunar-me com vãs lisonjas, nem a roubar-me descaradamente. Não me verei obrigado a recorrer aos tribunaes, para que me paguem, não terei de pagar mais letras. Não viverei como um fidalgo, mas em fim não tornarei a beber. Tudo está terminado, tudo passou como um pesadêlo. Esta louca riqueza, que adquiri sem trabalho, se a não ganhei, pelo menos gastei-a.

E saiu de Rostov.

Voltou ao seu paiz com os bolços vasios, a pé, sem sacco de viagem, pois que não tinha que lhe metter dentro, sustentando-se durante o caminho, com o que lhe davam, e retomou o seu emprego de barqueiro.

Desde então Timopheitch vive como antigamente; hoje já está velho. Todos o conhecem e elle, contente com a sua sorte, dirige o seu barco, e não pede riquezas a Deus.

Conde Leon Tolstein.

FOGO!

— Meus filhos, principiou o velho capitão Weber, tracta-se de um historia tristissima, passada na minha aldeia, aquella que se vê d'aqui, lá em baixo, na base da collina...

Os officiaes acercaram-se para ouvir o velho heroe das balas. A tarde descahia, e na meia sombra do crepusculo destacavam-se as barracas brancas de campanha, alinhadas por toda a enorme planicie, a perder de vista.

— Era em 1870, e os nossos revezes começavam então a encher-nos a alma de tristeza, e os olhos de lagrimas. Por essa epoca tinha eu a graduação de sargento no 5.º batalhão de caçadores a pé. Nós recuavamos em virtude de ordens superiores, dando costas aos Vosges, que tão faceis eram de defender da invasão do inimigo.

Uma tarde chegamos, perseguidos de perto, á minha aldeia. Tinhamos ordem de a defender até que chegasse o resto da nossa brigada. Na aldeia, ao principiar a guerra tinham ficado minha mãe e minha irmã, uma pobre rapariga de dezoito annos. Não esperava encontral-as ali: teriam decerto fugido ao perigo. Enganei-me: fui encontral-as na nossa antiga casa, as duas corajosas.

«Era já tarde para procurar um refugio seguro. A aldeia ia ser atacada na manhã seguinte. Pois apesar d'isso não se amedrontaram. Valentes mulheres! Mereciam ser soldados!

—«Fiz bem em ficar, disse-me a minha velha. Estarei ao pé de ti e partilharei os teus perigos.

— Alem d'isso, accrescentou minha irmã com um d'aquelles sorrisos que só ella tinha, além d'isso é preciso pensar os feridos. Lá estaremos para soccorrel-os.

«Ao lado de pessoas queridas as horas passam depressa. Vinha a romper a aurora quando me separei d'ellas...

E o capitão interrompeu-se com a voz embargada de soluços.

«O commandante tinha já organisado a defeza da aldeia. Por toda a parte se erguiam barricadas, e se abriam fossos.

«A' minha secção foi confiada a barricada construida precisamente na embocadura da nossa casa. Mal appareceu o sol, começou o tiroteio nos postos avançados. Os prussianos atacavam-nos em massa, como sempre: e nós eramos um punhado de homens, dispostos a morrer pela patria. D'ali por meia hora os nossos recolheram para dentro das barricadas e o inimigo atacou a aldeia.

«Escondido a traz da barricada, com o dedo no gatilho, não me atrevia a desviar os olhos da casa em que nascêra, que encerrava tudo que me restava no mundo. Era a casa mais solida da aldeia e a que melhor abrigo offerecia. Protegida pelas nossa balas, os prussianos não poderiam entrar lá.

«Entretanto a fuzilaria augmentava e acercava-se. A aldeia estava sendo atacada por tres pontos ao mesmo tempo. Os nossos cediam terreno, repellidos pelo numero.

«De subito appareceram alguns capacetes inimigos no extremo da rua: chegava a nossa vez de entrar em fogo.

«— Attenção, meus filhos! bradou o commandante da praça. Fogo de secção! A trezentos metros!

«Fez-se um grande silencio.

«—Preparar... armas! ordenou o commandante. Apontar!

«Mas não pôde acabar. Uma bala varára-o, tombando-o redondamente morto. Não havia tempo a perder. Os prussianos avançavam a passo de carga. Saltei para cima da trincheira e bradei:

«— Fogo de secção! A duzentos metros! Preparar... armas! apontar...

«Mas n'esse momento passou-se uma coisa terrivel, uma d'essas coisas que Deus não devia permittir. A cincoenta metros, abriu-se a porta da nossa casa, e eu vi então minha mãe sahir, trazendo amparada nos braços minha pobre irmã. Os seus cabellos loiros confundiam-se com os cabellos brancos da minha velha, que se adiantava para a barricada, fugindo na frente do inimigo. Comprehendi o que se passara, vendo as cabeças dos prussianos ás janellas da casa. Os miseraveis tinham invadido aquelle refugio, e as miseras vinham procurar um abrigo entre os soldados francezes.

«Decorreu um minuto horrivel, atroz, cruel! Minha mãe a dez passos da barricada era ameaçada pelas bocas das armas dos meus homens, que esperavam com o dedo no gatilho. Vinte passos mais além chegava a onda inimiga...

«Calar-me seria uma traição á patria, seria perder a barricada, seria sacrificar os valentes que esperavam ao meu lado.

«Então fechei os olhos e bradei, doido de desesperação e de raiva:

«— Fogo!

«Ao mesmo tempo, cego e aturdido, saltei da barricada, arrastando os meus homens, contra a columna prussiana. Durou dois minutos essa carnificina. O inimigo não soube resistir a esse ataque furioso, e debandou em desordem, deixando o chão juncado de cadaveres. Ao passar a avalanche senti sob os pés os corpos ainda mornos de duas mulheres crivadas de balas. Mas passei. Estava ebrio, perdido, allucinado... Só tinha uma ideia fixa —matar e fazer-me matar.

«Depois? Não me lembro. Procurei a morte, e as balas respeitaram-me. Ao cahir da noite encontrei-me ajoelhado ao pé de minha mãe e de minha irmã, cabellos brancos e cabellos loiros confundidos no ultimo abraço. A pobre creança parecia sorrir ainda, com aquelle sorriso que só ella tinha. Mas nos olhos escancarados da minha velha havia uma expressão de odio e de ameaça, não sei se para os inimigos da minha patria, se para o parricida maldito...

F. Parnet.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 16

Boletim de sanidade maritima revogando a quarentena de rigor para as procedencias de Vigo.

Portaria determinando que os portos das ilhas adjacentes não cobrem direitos de tonellagem e sanitarios das embarcações que alli forem em escala receber carga proveniente da agricultura e industria nacionaes.

Despachos de varios empregados para as contribuições directas.

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Pará, referida ao mez de fevereiro de 1889.

Diario de 17

Despachos de varios empregados para as contribuições directas.

Relação nominal dos candidatos em circumstancias de ser admittidos no collegio militar nas classes dos alumnos pensionistas e porcionistas.

Diario de 18

Decreto fixando o dia 13 de outubro para a reunião das commissões de recenseamento eleitoral e o dia 20 do mesmo mez para as eleições geraes de deputados.

Decreto nomeando uma commissão para estudar o estabelecimento de depositos geraes.

Despachos do gabinete do ministro da fazenda e da direcção das contribuições directas.

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Rio de Janeiro, referida ao mez de fevereiro de 1889.

31 FOLHETIM

EUGENIO SUE

O MARQUEZ DE LETORIÉRE

XIX

O DUELLO

Instruido das resoluções da senhora de Soissons, o marquez mandou Jeronymo Sicard estudar as localidades. Os muros do mosteiro eram muitos altos, mas cercados de pantanos. Podiam-se escalar com segurança. Desgraçadamente, os preparativos indispensaveis para esta empreza não permittiram ao marques tental-a antes da noute seguinte.

Pela primeira vez temeu a morte, pensando que o seu duello precederia a sua entrevista com a senhora de Soissons.

Létorière passou a noute excessivamente atormentado. Seu sómno foi perturbado por visões extravagantes. Ao despertar, sentiu-se fraco e abatido. Pela primeira vez, se lembrou que era victima do contagio e da sua dedicação por Luiz XV. Seu medico conheceu com effeito os symptomas assustadores das bexigas; mas a doença só devia desenvolver-se completamente no dia seguinte Por um ponto de honra, mal entendido, e contrario á opinião das suas testemunhas, o marquez obstinou-se a querer bater-se no mesmo dia, apesar da sua fraqueza.

A's tres horas e um quarto teve lugar o encontro; os amigos do marquez, vendo o seu rubor febril e o seu abatimento, julgaram do seu dever invocar a lealdade do senhor Ugeou, e pedir-lhe que adiasse o duello, sem terem prevenido Létorière d'este passo. Mas uma palavra rude e injuriosa do senhor de Ugeon, respeito a esta nova prorogação, impossibilitou a conciliação, e o combate começou. Létorière era na esgrima de uma força superior; sua bravura estava experimentada; mas os rapidos accessos de contagio já o enfraqueciam tão extremamente, que elle perdeu todas as vantagens, e recebeu uma estocada no meio do peito. Os padrinhos transportaram-o a sua casa, e o confiaram aos cuidados do pobre Domingues.

XX

O MOSTEIRO

Acabavam de dar onze horas no relogio do mosteiro de Montmartre. A noute estava tempestuosa, o céo ennovoado e escuro, apesar da claridade da lua, que apparecia de longe em longe entre as nuvens negras e rasgadas pelo vento. Para ir á capella, a senhora de Soissons devia atravessar, sahindo da sua cella, uma galeria aberta, cujos arcos davam para uma das sahidas interiores do mosteiro.

No centro d'este pateo elevava-se o tumulo da senhora condessa de Egmont, essa tão encantadora filha do marechal de Richelieu. A princeza Julia, recebeu por intervenção da sua ama, e da senhora Landry, uma palavra de Létorière. Prevenia-a de que faria todo o possivel para se introduzir no mosteiro n'essa mesma noite. Eram onze horas: a senhora de Soissons, opprimida por inexplicaveis presentimentos, poz-se a resar sobre as escadas do tumulo da senhora de Egmont. De um a outro momento o marquez podia chegar pelo caminho subterraneo da capella. O silencio era profundo, e sómente interrompido pelos silvos do vento, que se perdiam debaixo dos arcos. Apezar da sua resolução, e do nobre e religioso designio que dictava sua conducta, apesar da pureza da sua alma, a princeza Julia quasi se amedrontava por ter dado um ponto fixo a Létorière, na capella do mosteiro. Via-se n'isto um sacrilegio. Pouco a pouco seus terrores desappareceram, para dar logar a uma anciedade, e inquietação devoradora.

Ardia na capella uma alampada, que lançava no meio das trevas uma luz amortecida. A senhora de Soissons, ajoelhada proximo da porta que communicava para o subterraneo do mosteiro, escutava avidamente d'este lado. Afinal ouviu passos, o ruido cessou, e Létorière appareceu diante da princeza, que não poude reprimir um grito de surpreza e de amor.

— Sois vós!... torno a ver-vos... meu amigo!... exclamou ella com alegria delirante, e accrescentou immediatamente: Mas, vinde para a galeria, saiâmos d'este santo logar.

Quando a claridade da lua permittiu á princeza ver o marquez, ficou surprehendida da pallidez do seu rosto. Elle estava embuçado n'um capote escuro, e caminhava com custo. Não obstante a ferida recebida no mesmo dia, os progressos do contagio, e os choros e supplicas de Domingues, o marquez, acompanhado de Jeronymo Sicard, conseguiu escalar os muros do mosteiro.

— Torno a ver-vos, Julia! disse com um accento de ternura inexprimivel...

— Para nunca mais nos separarmos, meu amigo! exclamou a princeza, estendendo a sua mão ao marquez.

— A minha mão!... não... não... meu Deus!... exclamou Létorière, retrocedendo espantado, e embuçando-se ainda mais cuidadosamente no seu capote. A senhora de Soissons, no cumulo do espanto, observava-o em silencio.

— Julia... Julia... perdão... se assim me aparto de vós... mas sabedor da molestia do rei, e que de todos fôra abandonado... fui para o seu lado, e d'alli não sahi um instante até á sua morte.

— Ah! percebo, disse a princeza. Essa terrivel molestia é contagiosa, e a vossa dedicação custar-vos-ha talvez a vida... custar-nos-ha talvez a nossa felicidade!... Não, não, animo, Julia... a esperança não está de todo perdida... Ainda que doente, eu quiz ver-vos para tirar-vos toda a inquietação, para dizer-vos que a minha demanda foi ganha... e que presentemente nenhum obstaculo se porá á nossa felicidade...

— Nenhum... nenhum, senão a morte! exclamou a princeza com desesperação. Meu Deus!... Meu Deus!... em que espantosa inquietação eu vou viver!

— Socegae... Magdalena Landry esforçar-se-ha em vir dar quotidianamente noticias minhas a Martha... Bem o vêdes... eu não estou gravemente enfermo, pois que pude vir... disse o marquez com voz desfallecida.

— Mas eu não poderei viver n'uma mortal inquietação, disse a princeza, fugirei comvosco... esta noute mesmo.

— Julia... é impossivel... nada está preparado para isso... Em nome do céo, esperae... não compromettaes nosso futuro com um passo precipitado...

— Mas eu bem vejo que estaes muito doente, não vos deixarei só n'um tal estado... é impossivel. Não me falta nem energia, nem animo: onde tendes vivido, vivirei eu tambem... Uma vez que sáia d'aqui, irei collocar-me sob a protecção do balio do Solar, ninguem ousará arrancar-me abertamente do asylo que eu escolher em casa do embaixador da Sardenha. Ao menos alli... todos os dias... todas as horas,.. terei noticias vossas...

— Ainda uma vez, Julia... isso é impossivel, disse Létorière, sustendo-se a custo, e apoiando-se sobre uma das figuras do tumulo da senhora de Egmont.

— E acreditaes, replicou a senhora de Soissons com exaltação, acreditaes que durante cinco annos vos seguisse passo a passo com todo o extremo de uma mãe... que luctasse contra o voto da minha familia, para hoje vos abandonar doente, quasi moribundo, sob não sei que pretexto de conveniencias... *Não, não, este amor* é purissimo, e muito santo para que receie mostrar-se com a face descoberta.

— Julia... perdoae-me... murmurou Létorière, cahindo sobre um dos degráus do tumulo. Ainda vos não disse tudo.

— Meu Deus... meu Deus... elle está peior...

— Silencio!... Julia... uma ultima supplica... dae-me um beijo... e será o ultimo...

— Elle não tarda a morrer!! Carlos!... Carlos!... bradou a princeza desesperada, ajoelhando-se ao pé do marquez, sempre tão embuçado no seu capote, que foi debalde que a senhora de Soissons lhe procurou uma das mãos.

— Ainda vos não disse... que o barão de Ugeon me desafiou... continuou Létorière com uma voz cada vez mais enfraquecida.

— Um parente da marechala!... foi assassinado!... perfidamente assassinado!...

— Não, bati-me... esta manhã... com elle... foi leal... e eu recebi... no peito... uma estocada... Julia... accrescentou o marquez com voz mortal, quiz tornar a vêr-te... Este annel... vós sabeis... o reassumireis... *Os vossos olhos seguiam-me por toda a parte... Até á morte...* Meu Deus... perdoae-me!... julgava-me assás alentado para só morrer ámanhã... Julia... ainda... adeus...

E Létorière morreu pronunciando: Os vossos olhos... seguiam-me por toda a parte.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Nas *Memorias da senhora marqueza de Crequy*, lêem-se estas linhas:

«A princeza Julia, pobre e infeliz «menina, nunca mais tornou a vêr o «seu lindo amante, o senhor de Létorière... As suas feridas tornaram-se «a abrir, e todo o sangue que lhe restava, escoou-se durante a noute... «Morreu sem nenhum soccorro, e no «dia seguinte de manhã, foi encontrado morto sobre as escadas do tumulo.

«Era talvez sobre a pedra que cobre o tumulo da minha pobre amiga, «a senhora de Egmont. Tendo sido «educada no mosteiro de Montmartre, «sollicitou como um favor o ser sepultada ao pé da senhora de Vibraye, «sua amiga de infancia, e dignataria «d'esta casa.

«Este horrivel acontecimento occultou-se. O cadaver era magnifico; «envolveram-n'o n'uma mortalha, transportaram-n'o para o seu leito, e disse-se que o senhor marquez de Létorière tinha morrido das bexigas.»

. . . . . .

. . . . . .

Alguns annos depois, a princeza Julia casou com um principe de Saxonia-Cobourg.

FIM.

CORREIO DE LISBOA

20 de setembro de 1889.

E' cada vez mais lisongeiro o estado de Sua Magestade El-Rei. Antehontem recebeu as visitas do sr. presidente do conselho, ministro dos estrangeiros e de muitas outras pessoas, conversando muito e muito alegremente. As dores abandonaram-o completamente. Mais tarde executou-se no paço musica de camara a que assistiu por muito tempo. E' absolutamente inexacto o boato de que Sua Alteza o Principe D. Carlos fosse chamado por causa da doença do seu augusto pae. Sua Alteza, não só se demorou no estrangeiro todo o tempo que tencionava, como até veiu ainda dois dias mais tarde do que tinha deliberado, por causa da visita que fez á rainha de Hespanha. Em vista da maneira satisfatoria por que El-Rei está passando, a familia real resolveu demorar-se mais alguns dias em Cintra.

— D'eleições aqui pouco se falla. A candidatura do sr. Rodrigues de Freitas, por Villa Nova, parece, porém, que determinou um accordo entre republicanos e regeneradores para o fim d'estes darem áquelle candidato do republicanismo os votos que alli teem. E se aquelles grupos se combinaram para Villa Nova, é de crer que a combinação seja mais lata—que chegue a todos os pontos. Veremos o que succede, mas é de crer que a liga se realise para todos os effeitos eleitoraes. E n'este caso terá a familia real portugueza mais um desengano do que é o grupo serpaceo, dos propositos que nutre, do que é capaz de fazer para alcançar o poder, que não frúe.

Na maior parte dos circulos do paiz nem se falla em eleições. A indifferença n'este ponto é quasi geral e as opposições por conseguinte pouco poderão fazer, principalmente se o governo souber conduzir as cousas convenientemente.

—O *Diario do Governo* de 18 publica os seguintes decretos:

Tendo de proceder-se á eleição geral de deputados ás côrtes para a nova legislatura que deve principiar no dia 2 de janeiro de 1890: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' fixado o domingo 13 do proximo futuro mez de outubro para a reunião das commissões de recenseamento eleitoral, a fim de darem cumprimento ao disposto nos artigos 42.º, 43.º, 44.º e 45.º do decreto de 30 de setembro de 1852.

Art. 2.º São convocadas as assembléas eleitoraes do reino para o dia 20 do referido mez de outubro, a fim de elegerem os deputados, na conformidade do artigo 1.º da carta de lei de 21 de maio de 1884 e do mappa annexo á mesma lei.

Art. 3.º Os actos eleitoraes e de apuramento serão praticados nos prasos e pela fórma prescripta na citada lei de 21 de maio, decreto de 30 de setembro de 1852, e carta de lei de 23 de novembro de 1859.

Art. 4.º Os governadores das provincias ultramarinas, logo que recebam communicação do presente decreto, mandarão proceder ás eleições nos circulos de suas jurisdicções, conforme o mappa annexo á lei de 8 de maio de 1878, nas epochas e prasos que forem compativeis com as distancias e meios de communicação.

Art. 5.º De igual faculdade usarão os governadores civis dos districtos das ilhas adjacentes, quando deixem de receber a communicação do presente decreto a tempo de poderem ser praticados os actos eleitoraes nas epochas no mesmo decreto designadas.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, e o ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenham entendido e façam executar. Paço de Cintra, em 15 de setembro de 1889.=REI.=*José Luciano de Castro*=*Frederico Ressano Garcia.*

—

Devendo proceder-se no proximo trimestre do corrente anno á eleição geral dos senhores deputados da nação, e á dos corpos administrativos, incluindo a camara municipal de Lisboa na parte que não foi renovada no fim do ultimo biennio; e

Considerando que, nos termos do artigo 309.º do codigo administrativo, tem de fazer-se a eleição dos corpos administrativos districtaes e municipaes no dia 3 do proximo mez de novembro, e nenhum inconveniente ha em que este preceito se applique á camara municipal de Lisboa;

Considerando que é indispensavel evitar que uns aos outros se possam prejudicar os diversos actos das eleições, a que tem de se proceder no indicado trimestre;

Considerando que não seria conveniente demorar a eleição dos representantes da nação para o mez de dezembro, como era indispensavel por força dos prasos que cumpre guardar nas diversas operações eleitoraes, se houvesse de fazer-se a eleição da camara municipal de Lisboa no dia 20 do proximo outubro, as eleições das restantes camaras municipaes e das juntas geraes do districto no dia 3 de novembro seguinte, e a das juntas de parochia em 24 do mesmo mez;

Considerando que, embora o dia, em que haja de se proceder ao acto eleitoral, se declare na lei, póde a execução d'esta tornar forçoso o respectivo adiamento, quando não fiquem mallogrados os fins, a que a eleição se destina;

Considerando que, n'estes termos, por similhante motivo, e sem embargo do artigo 175.º da lei de 18 de julho de 1885, foi adiada a eleição da camara municipal de Lisboa, por decreto de 17 de setembro do mesmo anno;

Considerando que o adiamento da eleição exigido por motivo de interesse publico em nada offende a administração municipal ou o regular e genuino exercicio dos direitos politicos:

Hei por bem fixar o dia 3 do proximo mez de novembro para a eleição dos vereadores da camara municipal de Lisboa, que hão de substituir os que, nos termos do § 1.º do artigo 9.º da lei de 18 de julho de 1885, devem retirar-se da administração no fim do corrente anno.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 15 de setembro de 1889. =REI.=*José Luciano de Castro.*

— O *Diario do Governo* de hontem publica o regulamento provisorio financial no Rio de Janeiro, de que dou em seguida algumas das suas principaes disposições:

A agencia tem por fim: Recolher por transferencia os fundos disponiveis existentes nos cofres dos consulados de Portugal no Brazil, Rio da Prata e republicas sul-americanas, ou sejam provenientes de rendimentos ou de espolios e depositos arrecadados nos cofres dos mesmos consulados, ficando a agencia financial responsavel pela arrecadação d'esses valores; fiscalisar directamente e sob a sua responsabilidade os serviços de contabilidade e de administração financeira incumbidos aos mesmos consulados, habilitando os respectivos cofres, quando fôr necessario, com as sommas indispensaveis para occorrerem ás despezas que se apurarem legalmente; realisar pelo seu cofre as operações de receita e despeza que forem authorisadas pelos diversos ministerios com fundamento na lei do orçamento, incluindo o pagamento dos juros da divida publica portugueza fundada e amortisavel; effectuar as operações e transacções de thesouraria que ficam authorisadas no regulamento ou o forem por instrucções especiaes, empregando os fundos disponiveis em cofre, promover o andamento de negocios ou incumbencias, que no interesse da administração financeira lhe forem encommendados superiormente, informando o governo dos principaes factos que possam ter relação com as finanças portuguezas e actuar sobre o credito publico.

O Estado assegura contra todos os casos de força maior ou fortuita a entrega, a quem de direito pertencerem, dos valores que a agencia financial tiver arrecadado, em conformidade das leis. A escriptura das operações tanto da receita como da despeza deve ser feita na moeda do paiz, reduzida a moeda portugueza pelo cambio 200 por 100, levando-se á conta de «differenças de cambio a liquidar» qualquer saldo em réis positivo ou negativo proveniente d'aquella reducção.

Os juros da divida publica portugueza serão pagos na agencia em vista dos competentes coupons, relacionados por semestres e emissões, e se houver portadores de certificados de divida inscripta, conforme fôr preceituado pela direcção geral da divida publica. Os juros serão pagos ao cambio de 4$480 por 4$500, pagando por cada libra 8$850 brazileiros.

Os saldos disponiveis em dinheiro existentes no cofre da agencia deverão ser empregados: Na acquisição de bilhetes do thesouro brazileiro; no desconto do juro dos titulos de divida brazileira ou portugueza fundada e amortisavel; em emprestimos sobre penhores de titulos de divida portugueza e brazileira; na compra dos titulos da divida brazileira, no Rio de Janeiro, ou da divida portugueza, em Lisboa, ou nas demais praças da Europa em que essa divida é cotada.

Os emprestimos sobre penhores de titulos da divida publica brazileira ou portugueza serão feitos por prazo de seis mezes, e por quantia não superior á que corresponder ao valor dos mesmos titulos, calculado em dez pontos abaixo da sua cotação no mercado.

A compra de titulos de divida publica brazileira ou portugueza fundada e amortisavel effectuar-se-ha conforme os usos da praça e em harmonia com as leis do imperio do Brazil, procurando-se a maior vantagem possivel para o emprego dos fundos disponiveis n'estas operações.

A agencia poderá receber nos seus cofres quaesquer sommas que os subditos portuguezes residentes no imperio do Brazil queiram applicar á compra de titulos de divida portugueza e encarregar-se de effectuar a compra d'estes titulos em Portugal ou em Londres mediante as garantias e formalidades que forem estabelecidas.

A agencia poderá tambem receber depositos em titulos de divida fundada portugueza para se encarregar da cobrança dos respectivos juros, mediante a commissão de 1[2 p. c. sobre a importancia dos mesmos juros, e como compensação do encargo com a guarda e segurança dos titulos.

— O sr. ministro dos estrangeiros foi a Cintra visitar S. M. el-rei, cujo estado de saude continúa a melhorar, o que tem alegrado a todos dentro e fóra do paço.

— O triste acontecimento de Pedrouços, que acaba de enlutar umas poucas de familias, vem mostrar a urgente necessidade de se tomarem medidas efficazes para pôr cobro a esses imprudentes passeios fluviaes que tantas vidas tem custado. Já que se não podem evitar os sinistros causados por força maior, evitem-se, ao menos, aquelles que a imprudencia prepara. E affigura-se-nos que isto não será difficil. Bastará um regulamento, prohibindo que embarcação alguma, de aluguel ou de recreio, possa ser tripulada por individuos que não tenham previamente feito um exame de *canoeiros* e obtido a respectiva carta. A penalidade pela transgressão deve ser severa, principiando pela apprehensão do barco. A fiscalisação d'esse regulamento pode ser confiada á guarda fiscal, que está espalhada por toda a margem do Tejo e faz rondas no proprio rio. D'esta forma acabariam as imprudencias, todos os dias repetidas, de andarem a barqueiar individuos, que nada sabem do mister, e que muitas vezes pagam com a vida o seu leviano arrojo. Se a memoria nos não falha, existe um regulamento que obriga os barcos de carreira ou de frete a ser tripulados por marinheiros. Esse regulamento, porém, deixa livre a qualquer individuo o direito de ter uma embarcação sua ou de a tomar de aluguel e tripulal-a á vontade, embora com pessoas absolutamente inexperientes. Ora, isto é que é indispensavel evitar-se; e que se evitará com a medida que deixo esboçada. E' á capitania do porto a quem cumpre tomar a iniciativa d'essas providencias, no que prestará um relevante serviço á humanidade.

— Ainda não appareceu nenhum dos cadaveres dos restantes naufragos de domingo. A esperança de que tenham sido salvos por algum navio que sahisse barra fora desfez-se de todo.

Parece que o sr. Ferreira Monteiro tomando em consideração os serviços que lhe prestou o seu guarda livros Olympio Ferreira, e a desgraçada situação em que ficam a mãe e irmãs d'este seu empregado, tenciona offerecer a estas desditosas senhoras a mensalidade que Olympio Ferreira recebia. E' este um acto de generosidade que em extremo honra o sr. Ferreira Monteiro, e que a memoria do desgraçado morto merece.

— Mais desastres nos caminhos de ferro! A's 10 horas e 20 minutos da noite de ante-hontem, succedeu uma collisão na ponte de Cogominho, ao kilometro 136,946 da linha do norte, entre o comboio n.º 4, que vinha do Porto, e uma machina que se achava na avenida sul da mesma ponte, para tomar aquelle comboyo, que vinha com a machina na rectaguarda. O guarda d'esta ponte, encarregado dos signaes, estava a dormir. Foi, sem duvida, este facto o que accasionou o sinistro, e a machina que alli estava de reserva ter apenas collocada sobre o tender uma luz branca, signal de via livre, e que em parte estava encoberta pelo deposito de carvão. Ficaram mais ou menos gravemente contusos alguns passageiros e o agente fiscal, que acompanhava o comboyo n.º 4. A fiscalisação respectiva communicou o caso ao governo, pedindo que use do direito que lhe confere o § 1.º do art. 17.º do decreto de 31 de dezembro de 1864, e que se refere á insufficiencia do pessoal. Como se vê, este choque foi devido unicamente ao descuido do guarda, que não acordou a tempo de fazer o signal competente.

— Consta que será nomeado ministro de Portugal em Bruxellas o sr. Carlos Lobo d'Avila.

— A legação brazileira em Lisboa recebeu um telegramma official, declarando actualmente extincta em todo o imperio a epidemia da febre amarella. Boa noticia é esta.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LOTERIAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

—

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

Abaixo publica os dias das extracções das loterias nos mezes de agosto, setembro e outubro; assim como premios e preços dos bilhetes, quintos, decimos e oitavos.

LOTERIAS PORTUGUEZAS

Em setembro, no dia 24—Outubro, 4, 14 e 24.

Em todas as loterias o premio maior é de

9:000$000

Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 260; 130, 45 e 30 rs.

Listas enviadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID

No mez de setembro

Em 30, dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650 reis; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.

No mez de outubro

Em 10, com o premio maior do

90:000$000

Bilhetes a 53$000, decimos a 5$300; cautelas de 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 24$000, 12$000, 6$000, 4$800. 2$400, 1$200 e 600 reis.

Em 19, com o premio de

25.200$000

Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis. —Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 29, com dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Lisboa

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo. — PARIS

1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla* ou *difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e anthenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. Blancard

Pharmacª em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 76 D'AROUCA A' ESTAÇÃO DE ESMORIZ

Lanço da estação de Esmoriz ao Engenho Novo

REPARAÇÃO

Faz-se publico que no dia 30 do corrente mez de setembro, pelas 12 horas da manhã, na secretaria da 2.ª secção em Aveiro, perante o respectivo chefe, serão recebidas propostas distinctas em carta fechada para a seguinte tarefa de fornecimento de pedra.

Tarefa—Fornecimento de 133.000 m. c. de pedra britada

Base de licitação por metro cubico.. 1$100 réis
Deposito provisorio........................ 3$660 réis

A carta fechada que cada concorrente apresentar deverá conter:

1.º—Declaração, por escripto, obrigando-se a fazer o deposito definitivo de 5 0[0 sobre o valor da adjudicação.

2.º—Declaração, por escripto, de que se responsabilisa por sua pessoa e bens ao cumprimento integral d'este contracto.

3.º—Proposta de preço, fechada em sobrescripto separado.

As condições especiaes da arrematação estão patentes na secretaria da 2.ª secção em Aveiro, todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro 19 de setembro de 1889.

O chefe interino da 2.ª secção,

Antonio Aureliano Severo d'Oliveira.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

E esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL 'SINGER'

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto

A. J. Shore & C.ª

57—Rua dos Inglezes.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

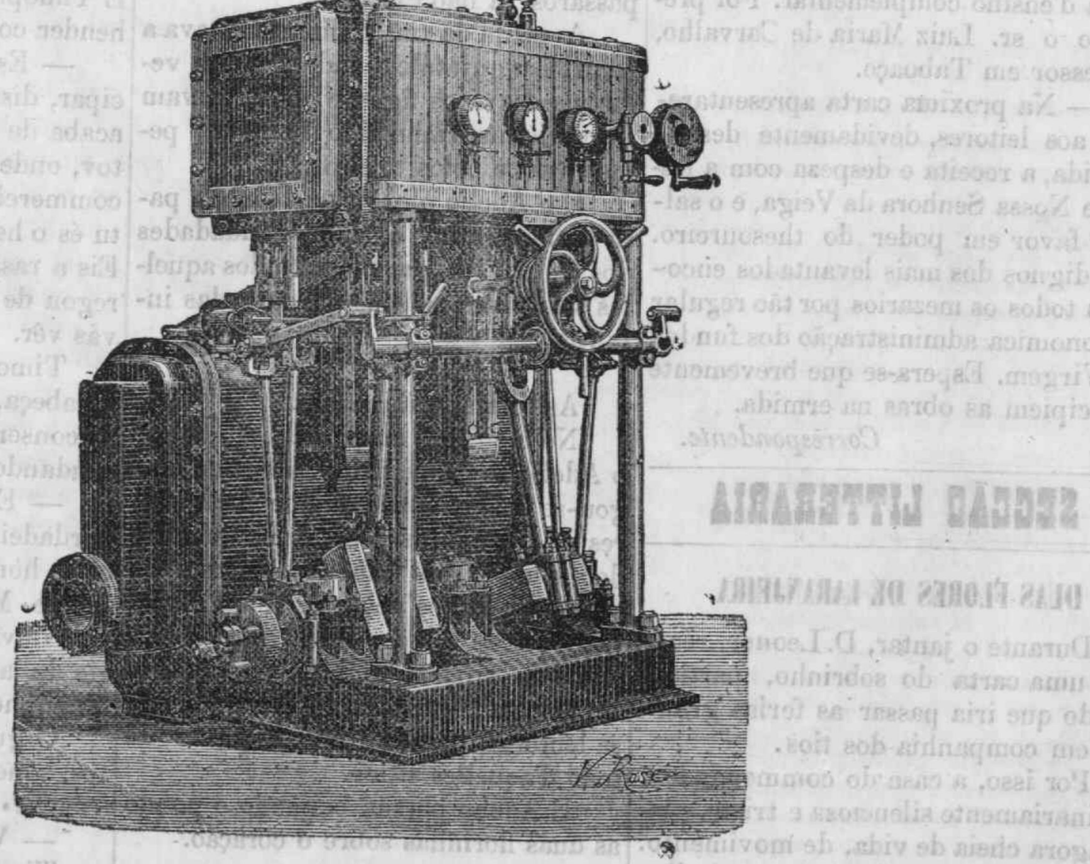
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, *ultramar, ilhas ou no estrangeiro*, de quaesquer obras de ferrro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Snei, 13.

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!

Por meio do emprego dos **Elixir, Pó e Pasta dentifricios** dos

RR. PP. BENEDICTINOS

da ABBADIA de SOULAC (Gironde)

DOM MAGUELONNE, Prior

2 Medalhas de Ouro: Bruxellas 1880 — Londres 1884

AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS

INVENTADO NO ANNO **1373** Pelo Prior Pierre BOURSAUD

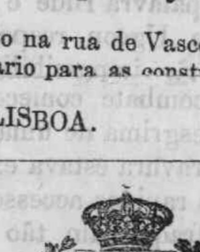
«O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos**, com dose de algumas gottas com agua, prevem e cura a carie dos dentes, embranqueceos, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.

«Prestâmos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo** e o **unico preservativo** contra as **Affecções dentarias.**»

Casa fundada em 1807 **SEGUIN** 100 et 106, rue Croix-de-Seguey BORDEOS. Agente Geral:

Deposito em todas as boas Perfumerias, Pharmacias e Droguerias.

Em Lisboa, em casa de R. Bergeyre, rua do Ouro, 100, 1º.



CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Achase á venda em todas as pharmacias de Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

VENDA DE CASAS

VENDE-SE a casa da rua da Palmeira, que faz esquina com a rua de S. Gonçalinho. E' de dois andares, um dos quaes ao rez do chão. Não paga fôro de especie alguma. Trata-se com Luiz Barbosa, seu proprietario e n'ella morador.

As pessoas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomalas, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.* 5 fr. e 2 fr. 50

ARIOSTO

ORLANDO FURIOSO

Edição de grande luxo

Celebre romance cavalleiresco, vertido em linguagem portugueza por Xavier da Cunha, e illustrado com as monumentaes composições de Gustavo Doré.

Um unico volume contendo quinhentas e vinte e cinco gravuras intercaladas no texto e oitenta e uma em folha separada.

Distribuição quinzenal aos fasciculos pelo preço de 200 réis cada um.

Pedidos de assignatura: Administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, 40, Rua da Atalaya 52, Lisboa. — No Porto, á sua Filial, Praça de D. Pedro, 127. 1.º andar.

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora. paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO